

Afirmativa

ANO 5 - Nº 27 - R\$ 7,50 - AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural



O AMOR VENCE!

Em 2009 acredite nas mudanças

TROFÉU RAÇA NEGRA

Noite de gala no "Oscar" brasileiro

Nosso planeta poderia se chamar água. Mas lembre que só 3% é de água doce.

Aproximadamente dois terços da Terra é água. Mas a maior ironia não é o nome do planeta, é o fato de que esse recurso abundante já está escasseando. Por isso é hora de mudar nosso comportamento com ações simples que uma só pessoa pode fazer e que, multiplicadas por bilhões de pessoas, têm impacto global.

- Ao deixar a torneira aberta ao escovar os dentes, gastam-se em média 13 litros, quando só é necessário 0,5 litro.
- Vazamento é outro problema: um buraco pouco maior que a cabeça de um alfinete em um cano desperdiça em um mês 96 mil litros, o suficiente para matar a sede de uma família por mais de 30 anos.

Faça a diferença agindo diferente. Para saber mais, acesse: www.bancodoplaneta.com.br

Banco do Planeta. Investindo, apoiando e informando.

Bradescompleto

www.bradesco.com.br



Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da Livraria Papelaria e Editora Unipalmare Ltda. CNPJ nº: 08.634.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 5, Número 27 – Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640 – Barra Funda – São Paulo/SP – Brasil – CEP 01137-040 – Tel. (55-11) 3392-6005.

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTb. 14.845 – francisca@afrobras.org.br).

EDITORIA: Zulmira Felício (MTb.11.316 – zulmira.felicio@globo.com).

FOTOGRAFIA: J.C.Santos, João Passos e Divulgação.

COLABORADORES: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Isabella De Luca, Eliane Almeida.

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Taise Oliveira (taise@afrobras.org.br).

CAPA: AFP Photo.

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Alvo Propaganda & Marketing - revistas@alvopm.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Vox Editora.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras / Centro de Documentação, através da Editora Livraria Papelaria e Editora Unipalmare Ltda. CNPJ nº: 08.634.988/0001-52.

A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

**Acreditar
na comunidade,
na vontade e
na sustentabilidade.**

**O jeito Coca-Cola Brasil
de viver positivamente.**




**25 mil alunos beneficiados no Programa de Valorização do Jovem.
37 cooperativas apoiadas pelo Programa Reciclou, Ganhou em 2007.**

Para a Coca-Cola Brasil viver positivamente é colocar em prática projetos que recuperam rios, mantêm crianças na escola, estimulam a reciclagem, economizam energia, promovem sustentabilidade. Saiba tudo de positivo que nós estamos fazendo e está ao seu alcance. Acesse:

www.cocacolabrasil.com.br

BRASIL
Coca-Cola
VIVA  POSITIVAMENTE





**Se existe uma
coisa que tem
que valer cada
centavo que
você paga
é um banco.**

Itaú. A melhor relação custo-benefício para você.



**feito
para
você**

Confira:

www.itaubr.com/custobeneficio

Na hora de escolher um banco você tem que colocar na ponta do lápis tudo que você paga e todos os benefícios que você ganha. Fazendo assim, não tem erro, seu lápis vai levar você ao Itaú. Onde você paga tarifas na média do mercado e ganha um banco bem acima da média.



12

10 EDITORIAL

Sim, nós podemos!

12 ENTREVISTA

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Pós-doutora em Teoria da Educação pela University of South Africa, em Pretória, África do Sul, foi a primeira mulher negra a fazer parte do Conselho Nacional de Educação.

16 TROFÉU RAÇA NEGRA

Noite de gala no "Oscar" brasileiro.

28 CAPA

Era uma vez um corcel negro... Luta por direitos civis nos Estados Unidos. A primeira-dama negra dos EUA. O tom da cor - Míriam Leitão e Leonardo Zanelli, jornalistas.

16

38 CAPA

Barack Obama: começa a grande mudança. Artigo de Paulo Pereira, relações internacionais PUC/SP.

42 PERFIL

Ruth Guimarães, a primeira escritora negra empossada na Academia Paulista de Letras.

44 CIDADANIA

Centro Cultural Quilombinho de Sorocaba.

46 EMPREENDEDORISMO

Buffet de Acarajé, a delícia que veio da Bahia.

48 MERCADO DE TRABALHO

Mulher negra – discriminação dupla. Salarizada, em média, a metade do salário mínimo.

28

50 EDUCAÇÃO

As duas fotos – Cristovam Buarque, Senador.

52 EDUCAÇÃO

Educação das relações étnico-raciais ganha visibilidade – Maria Lúcia de Santana Braga do MEC.

54 ECONOMIA

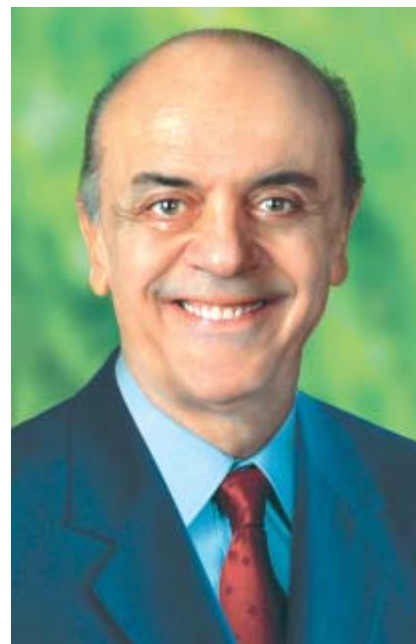
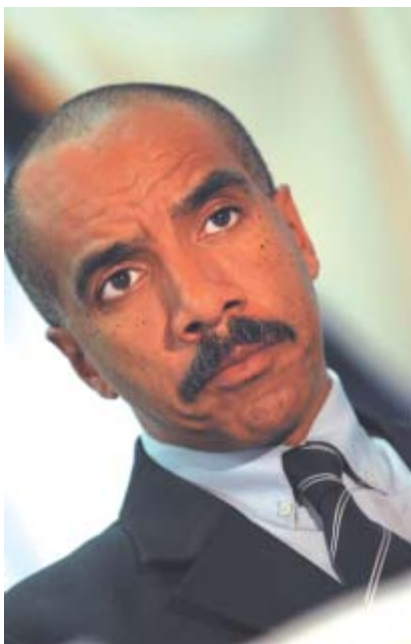
Energia e Poluição – José Goldemberg, professor da USP.

56 ECONOMIA

No olho do furacão – Marcos Cintra, professor de Economia FGV.

60 RESPONSABILIDADE SOCIAL

O projeto Letras de Luz do Instituto EPD.



66

62 SAÚDE

Abolição do pré-conceito na Saúde – Luiz Roberto Barradas Barata, Secretário da Saúde do Estado de São Paulo.

64 SAÚDE

Os cuidados especiais para manter a beleza da pele negra.

66 CULTURA

O resgate histórico de Benjamin o palhaço negro.

68 CINEMA

O menino que rouba a cena de Linha de Passe.

70

70 COMPORTAMENTO

“O consumidor negro brasileiro”, estudo produzido pelo professor Severino Ramos Ferreira Filho.

72 VEÍCULO ★ NOVA SEÇÃO! ★

Lançamento do Volt, o carro elétrico.

74 TURISMO

Geórgia, imortalizada nos versos de Ray Charles, “Just an old sweet song Keeps Georgia on my mind...”

76

Seções

40 OPINIÃO

69 AGENDA CULTURAL

76 AFIRMATIVO

78 PRETO & BRANCO



Sim, nós podemos!

“Se existe alguém que duvide que a América seja o lugar onde todas as coisas são possíveis, a resposta está aqui esta noite.” Esta é uma das frases do primeiro discurso de Barack Obama, presidente eleito dos Estados Unidos da América, a maior potência do mundo, quando declarado vencedor das eleições.

Estampamos novamente em nossa capa, um dos homens que certamente mudará a história dos Estados Unidos e de muitos países do mundo, não só dos negros, mas de todos que esperam um mundo melhor, igual para todos. Para nós, negros, é um feito muito grande para não registrarmos esta vitória. Por isso, novamente, trazemos Obama na capa da Afirmativa Plural, com muita alegria.

Os Estados Unidos da América, país declarado racista, surpreendeu o mundo com a vitória de um negro em seu maior posto. Mas Obama não agregou apenas os norte-americanos. Pesquisa da BBC em mais de 20 países mostrou que 4 em cada 5 estrangeiros torciam por sua vitória. E que vitória! Emoção, esperança, alegria, foi o que vimos nos olhos das pessoas dos mais variados países. Entre estas temos que destacar o choro de alegria do Reverendo Jesse Jackson, um dos negros que mais representa a luta pelos direitos civis daquele país.

Não sabemos se Obama conseguirá cumprir todas as suas promessas de campanha. Ele enfrentará uma das piores crises dos Estados Unidos dos últimos tempos, o que lhe forçará a tomar atitudes e adotar medidas que com certeza não agradarão a todos os seus eleitores. Mas estaremos torcendo para que faça um bom governo, dentro e fora de seu país.

Além de Obama, também estamos comemorando a vitória de Lewis Hamilton na Fórmula 1, um esporte considerado elitista e que tem em Hamilton o primeiro negro participando dessa disputa.

E no Brasil, trazemos entrevistas com algumas autoridades em suas áreas, como Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Pós-doutora em Teoria da Educação pela University of South Africa, em Pretória, África do Sul, primeira mulher negra a fazer parte do Conselho Nacional de Educação e relatora do parecer CNE/CP nº 3/2004, que regulamenta a implantação da lei 10.639/2003 estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Trazemos ainda a história da escritora Ruth Guimarães, 88 anos, membro da Academia Paulista de Letras.

E como não podia deixar de ser, mostramos os melhores momentos do “Oscar” da comunidade negra, o Troféu Raça Negra 2008, que aconteceu na Sala São Paulo no último dia 16 de novembro, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, quando lembramos a morte de nosso Herói Nacional, Zumbi dos Palmares. Realizado pela ONG Afrobras e pela Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, o Troféu reuniu artistas, autoridades e personalidades que se destacaram em seu trabalho e em suas ações de cidadania e inclusão durante 2008. Foi uma festa linda e com momentos emocionantes.

Espero que vocês tenham uma boa leitura.

Francisca Rodrigues

Editora Executiva

- ☐ Afirmativa é o espaço onde o negro e sua relação com a sociedade e com outras raças são protagonistas.
- ☐ Afirmativa é um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração e o desenvolvimento do negro na sociedade.
- ☐ Afirmativa é uma revista de interesse geral que debate assuntos que dizem respeito a toda a sociedade.
- ☐ Afirmativa é um veículo de divulgação da força, da criatividade, dos valores e das aspirações do negro brasileiro.

Se você concorda com as afirmações acima, assine embaixo.



Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa.

Nome: _____

CPF: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Telefone: _____

e-mail: _____

Se preferir, ligue para 11 3392.6005 ou acesse www.afrobras.org.br



Assinatura por 1 ano (6 edições) **R\$ 49,90**



Assinatura por 2 anos (12 edições) **R\$ 86,00**



Políticas de ação afirmativa corrigem distorções

Por: Eliane Almeida

“QUEREMOS QUE POBRES, NEGROS E INDÍGENAS INGRESSEM NOS POSTOS DE DECISÃO PARA INFLUIR NAS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE SÃO DE INTERESSE DE SEUS GRUPOS”

Educadora por vocação e militante de berço. Esta é Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Pós-doutora em Teoria da Educação pela University of South Africa, em Pretória, África do Sul, foi a primeira mulher negra a fazer parte do Conselho Nacional de Educação. Relatora do parecer CNE/CP nº 3/2004, que regulamenta a implantação da lei 10.639/2003 estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, o qual faz questão de dizer que não produziu sozinha, luta, através da educação, pela melhoria de vida dos afrodescendentes e indígenas brasileiros. Oriunda do magistério das redes pública e privada buscou, através da pesquisa acadêmica, seu norte na luta contra as desigualdades.

AFIRMATIVA PLURAL – Como a senhora começou seu caminho de pesquisadora e aprofundou-se na questão racial?
PETRONILHA BEATRIZ – *Minha primeira pesquisa foi planejamento de educação já que eu era coordenadora pedagógica em duas escolas, uma particular e uma pública. Quando conclui o mestrado, trabalhava na Secretaria de Educação no Gabinete de Planejamento em Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1983, ingressei no doutorado. Meu projeto era um plano de educação nas periferias urbanas de Porto Alegre, que eram oriundas da zona*

rural. Desenvolvi minha tese na comunidade rural chamada Limoeiro. Passados dezoito anos de minha tese, tenho a surpresa de saber que meu trabalho serviu como documento no reconhecimento da comunidade do Limoeiro, como quilombo. No pós-doutorado, eu já pertencia a um grupo internacional que tratava da busca de epistemologia africana para educação.

AFIRMATIVA – A senhora acredita que foi sua experiência técnica que deu origem ao convite para fazer parte do Conselho Nacional de Educação?

PETRONILHA – *Acredito que sim. Nosso currículo é examinado. Eu já era professora da Universidade Federal de São Carlos quando o MEC me ligou perguntando se poderiam colocar meu nome nessa indicação. Foi em 2002. Um dia, Walter Silvério me liga perguntando se eu tinha entrado no Conselho e eu sem saber de nada. Ele entrou no site e confirmou. Eu havia sido nomeada conselheira do Conselho Nacional de Educação.*

AFIRMATIVA – Como foi a experiência?

PETRONILHA – *Foi uma das experiências mais ricas da minha vida, e sem dúvida tudo que eu aprendi nesse processo como educadora, foi decisivo para o bom resultado do trabalho. Fui conselheira na gestão de 2002-2006. A chance de ter estudado planejamento de sistemas de en*

sino e de ser fluente em espanhol, inglês e francês facilitou muito minha caminhada. Minha formação no seio do movimento negro também foi importante.

AFIRMATIVA – No parecer, a senhora fala de política de ações afirmativas na busca de reparações. Do que se tratam efetivamente essas ações?

PETRONILHA – *Este parecer é oriundo das reivindicações dos diversos grupos da militância que, apesar da diversidade ideológica, tem um objetivo em comum, a educação do negro. As políticas de ação afirmativa têm a função de corrigir distorções. Quando a lei 10.639/2003 diz que é preciso estudar a história e cultura destes povos, ela é uma política pública curricular de ação afirmativa que se propõe corrigir essa distorção. Porque ela não é dirigida para a população negra, ela é dirigida a todos os brasileiros.*

AFIRMATIVA – A senhora fala também, sobre construção de uma pedagogia de combate ao racismo. Já foi desenvolvido algum método?

PETRONILHA – *Eu diria que muitos. O movimento negro e majoritariamente, professores negros foram construindo essa pedagogia. Os grupos vão nutrindo seus professores e seus militantes e as pessoas vão para sala de aula. Só foi possível mencionar e dizer que era aceitável porque já havia pelo menos meio século de experiências de muita gente aplicando essa pedagogia pelo País a fora.*

AFIRMATIVA – Um argumento muito utilizado por professores para a não aplicação da lei 10.639/2003 é a falta de bibliografia. Como esse argumento se sustenta?

PETRONILHA – *Não se sustenta. Material não falta. O que aconteceu é que muito foi produzido durante um século pelo Movimento Negro, mas em pequena escala. Em 1998, o MEC publicou o livro de Kabengele Munanga chamado “Superando o racismo na escola”. Foram feitos fóruns, encontros com apoio do MEC e foram publicadas obras que hoje estão impressas e em CD e estão disponíveis no site do MEC. Agora, no ensino superior pouco tem se feito e no geral as ações partem de professores negros.*

AFIRMATIVA – Há algum problema dentro da Universidade Federal de São Carlos no trato da temática?

PETRONILHA – *Se houvesse nós não teríamos um programa de ações afirmativas. Agora, não é uma unanimidade. É um programa que contempla escola pública, negros e indígenas. Desde que foi implantado não houve resistência declarada no sentido de impedir. Ao contrário. Os alunos que entraram pela reserva de vagas estão tendo o mesmo resultado e, às vezes, resultados superiores aos dos alunos de escola particular.*

AFIRMATIVA – Como a senhora vê a questão da formação de pesquisadores negros e de orientadores nas universidades para tratar das pesquisas específicas da temática racial?

PETRONILHA – *Os professores estão se mostrando bastante interessados, pelo menos aqui na UFSCar. O que ajudou bastante foi o concurso da ANPED da Ação Educativa: Negro e Educação, em que diversos participantes ingressaram no mestrado e doutorado. E embora não fosse exatamente o que nós esperávamos, conseguiram sensibilizar professores orientadores das universidades e iniciaram o trabalho. São muitos anos de preconceitos e de discriminação que temos de superar. Acredito que as ações afirmativas vão pressionar.*

AFIRMATIVA – Como a senhora avalia a aplicação das ações afirmativas hoje?

PETRONILHA – *A ação afirmativa, aqui na UFSCar, não é só conseguir uma vaga. É criar condições para que o aluno se forme utilizando todos os recursos disponíveis. Estamos incentivando os alunos a participar da iniciação científica. Queremos que pobres, negros e indígenas ingressem nos postos de decisão para influir nas políticas públicas que são de interesse de seus grupos.*



PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA

A CAIXA INVESTE EM SUSTENTABILIDADE PORQUE ACREDITA EM UM FUTURO MELHOR PARA O NOSSO MUNDO.

Imagens do Programa CAIXA Melhores Práticas em Gestão Local



A CAIXA é reconhecida por sua vocação socioambiental. Por isso, desenvolve produtos e serviços que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população, com inclusão social, uso sustentável dos recursos naturais e preservação ambiental. Além de implantar atitudes sustentáveis, a CAIXA também investe em projetos socioambientais. Em 2008, foram mais de R\$ 2,7 bilhões em contratos e aproximadamente 14 milhões de pessoas beneficiadas com projetos de saneamento, retirando das situações de risco as famílias que viviam em locais que não ofereciam qualidade de vida e ainda prejudicavam o meio ambiente. Neste ano, R\$ 13 bilhões foram investidos em habitação, garantindo a um milhão de pessoas a tão sonhada casa própria. A CAIXA acredita em um futuro melhor; mas, para isso, é fundamental que cada um de nós faça a sua parte e cuide do que é nosso. **CAIXA. O banco que acredita nas pessoas.**

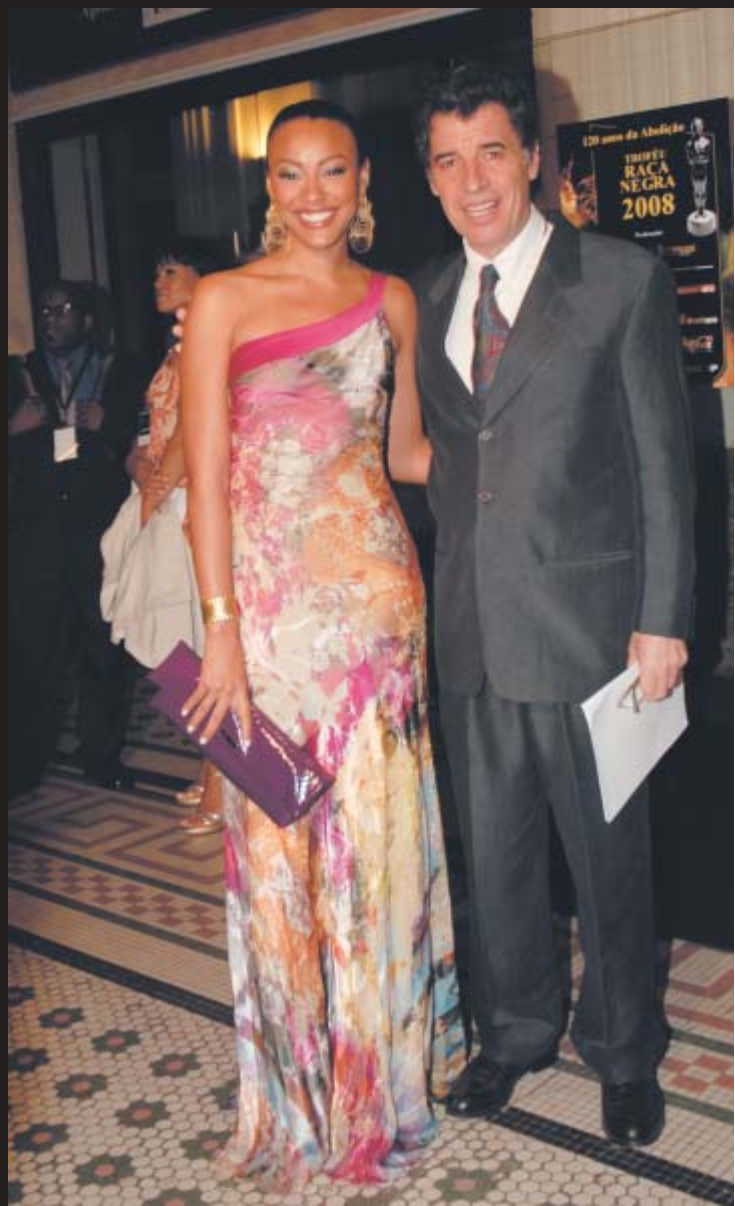
Noite de gala no "Oscar" brasileiro

SOB O TEMA 120 ANOS DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO
BRASIL, A ONG AFROBRAS E A FACULDADE DA CIDADANIA
ZUMBI DOS PALMARES FIZERAM A ENTREGA DO TROFÉU
RAÇA NEGRA 2008

POR: ZUMIRA FELICIO, EDITORA



Considerada uma das mais belas salas do mundo, a Sala de Concertos São Paulo possui a melhor acústica da América Latina. Especialmente projetada para sediar espetáculos é também utilizada para premiações como a do Troféu Raça Negra, reconhecido tradicionalmente como o “Oscar” de reconhecimento àqueles que se destacam em realizações em prol do negro no País. Pelo quinto ano consecutivo, a Sala São Paulo esteve repleta de personalidades, autoridades, artistas e convidados para essa importante premiação (veja relação), no dia 16 de novembro, abrindo as comemorações relativas ao Dia da Consciência Negra (20/11). Uma homenagem especial foi concedida ao presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, através da entrega de uma placa de prata e um troféu entregues a Laura Gold, consulesa diretora da área de diplomacia pública do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo.



No palco, os atores globais Paulo Betti e Sheron Menezes, mestres de cerimônia, dividiram o espaço com o maestro Josué Polia e a Orquestra Filarmônica Afro Brasileira que tocou músicas do cantor Wilson Simonal, um dos maiores sucessos dos anos 60, um tributo da ONG Afrobras neste evento. Na oportunidade, as canções foram interpretadas por nomes de destaque da música brasileira, como Pedro Mariano, Paula Lima, Rappin' Hood, Alcione e Wilson Simoninha e Max de Castro (filhos de Wilson Simonal). Houve uma homenagem póstuma a Jamelão, quando Leci Brandão cantou o hino da Mangueira, escola de samba do coração daquele que foi o grande intérprete da Escola.





José Vicente, presidente da Afrobras e reitor da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, ao lado de Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo; Edson Santos, ministro da Seppir - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, representando o Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva; e Paulo Henrique Reis Lobo, Secretário de Relações Institucionais do Estado de São, representando o governador José Serra, agradeceu a todos os presentes, patrocinadores, professores, alunos e colaboradores, enfatizando o muito que ainda precisa ser feito e construído em favor dos afrodescendentes brasileiros mesmo decorridos 120 anos da abolição da escravidão.





Sentimentos de alegria, emoção e de reconhecimento marcaram a 6ª edição do Troféu Raça Negra, como o testemunho de Milton Gonçalves que narrou ter sido impedido de entrar em um baile num clube paulistano, mesmo após ter citado a Lei Afonso Arinos que, desde 1951, proíbe a discriminação racial no Brasil. “Nesta noite vi acontecer alguns milagres”, frisou emocionado o ator, “um deles será a inauguração do novo campus da Zumbi dos Palmares dentro do Clube de Regatas Tietê, em 2009”. O mesmo clube que no passado proibiu a presença de negros.

A 1ª edição do Troféu Raça Negra ocorreu no Teatro Municipal, em 2004, nos 450 anos de aniversário da cidade de São Paulo – a maior cidade negra do País. O evento é realizado pela ONG Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural e Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

A seguir, as fotos falam o que representou a solenidade.



PREMIADOS TROFÉU RAÇA NEGRA 2008

Carlos Ayres Britto
Edson Santos

Orlando Silva
Joaquim Barbosa
Gilberto Kassab
Erickson Gavazza
Maria Helena Guimarães
José Luis Bueno
Gabriel Jorge Ferreira

Fábio Barbosa
Adriano Lima
Mário Hélio Souza
Marcelo Paixão
Larry Palmer
Edgardo Martollo
Netinho de Paula
Maurren Higia Maggi
Nelio Alfano Moura
Daiane dos Santos
Milton Gonçalves
Fabrício Boliveira
Sandra de Sá
Billy Paul
Laura Gold

Ministro Supremo Tribunal Federal
Ministro Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir)
Ministro dos Esportes
Ministro Supremo Tribunal Federal
Prefeito da Cidade de São Paulo
Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo
Secretária Estadual de Educação de São Paulo
Diretor Recursos Humanos do Bradesco
Presidente da Confederação Nacional das Instituições Financeiras, representando Pedro Salles (Presidente do Unibanco)
Presidente Banco Santander e FEBRABAN
Diretor Executivo Itaú, representando Roberto Setúbal (presidente)
Presidente da Fundação Bradesco
Diretor adjunto de Graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Presidente da Inter-American Foundation
Diretor revista CARAS
Cantor, 3º Vereador mais votado em São Paulo
Atleta Medalha de Ouro Salto Distância em Pequim
Preparador Físico da atleta Maurren
Ginasta
Ator
Ator
Cantora
Cantor norte-americano
Consulesa diretora da área de diplomacia pública do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo



PREMIADOS TROFÉU



ERICKSSON GAVAZZA, MARIA HELENA GUIMARÃES, MARCELO PAIXÃO, MÁRIO HÉLIO,
ADRIANO LIMA, GABRIEL JORGE, NÉLIO A. MOURA, JOSÉ LUIS BUENO

RAÇA NEGRA 2008



JOAQUIM BARBOSA, ORLANDO SILVA, GILBERTO KASSAB E FÁBIO BARBOSA



1 - EDSON SANTOS, CARLOS AYRES BRITTO, EDGARDO MARTOLIO E LARRY PALMER; 2 - LECI BRANDÃO JAMELÃO NETO; 3 - FABRICIO BOLIVEIRA; 4 - SANDRA DE SÁ; 5 - MILTON GONÇALVES.



6



7



8



9



10

6 - MAURREN HIGA MAGGI; 7 - LAURA GOLD; 8 - BILLY PAUL; 9 - NETINHO DE PAULA; 10 - DAIANE DOS SANTOS

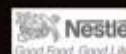
Troféu Raça Negra 2008.

UMA EDIÇÃO HISTÓRICA.

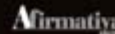
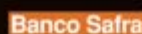
O Troféu Raça Negra comemora um momento histórico da nossa luta: 120 anos da Abolição da Escravatura e a eleição de Barack Obama, o primeiro presidente negro da maior potência do mundo. O que nos encoraja a continuar lutando pela inclusão e valorização do negro na sociedade brasileira. Mais do que nunca, este prêmio é um justo e oportuno reconhecimento às pessoas e instituições que apóiam esta causa e fazem esta luta valer a pena.

Sim, nós também podemos.

Patrocínio:



Apoio:



Realização:



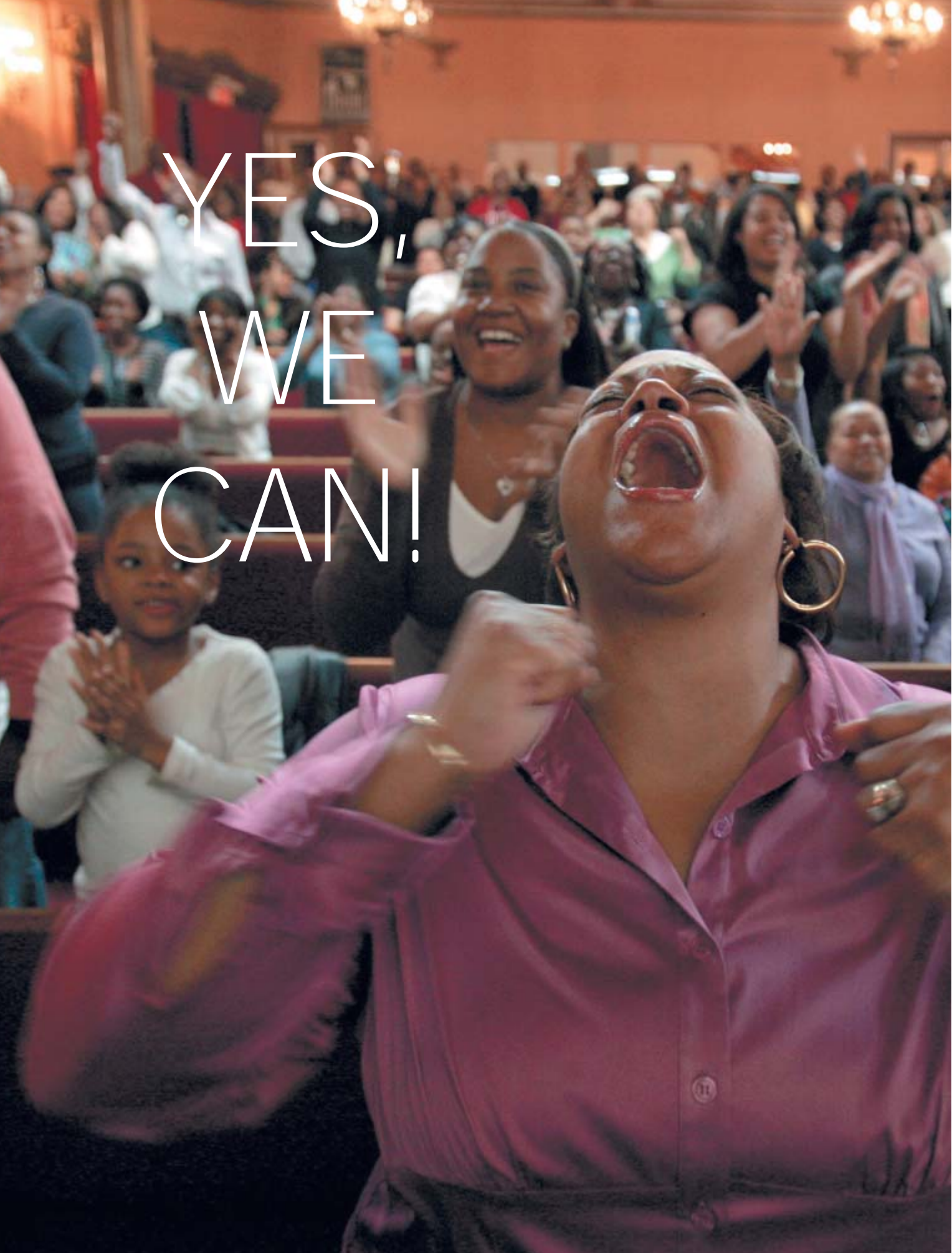
ZUMBI DOS PALMARES


PROLIFERANDO DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES
SÃO PAULO - BRASIL



Sociedade Afro-Brasileira de
Desenvolvimento Sócio Cultural

YES,
WE
CAN!





Era uma vez um corcel negro...

Profetizava Monteiro Lobato, em seu livro *O Choque das Raças* (depois rebatizado como *O Presidente Negro*), que em 2.228, um homem negro seria eleito o 88º presidente dos Estados Unidos da América. Ficção científica publicada em 1926, produzida a partir de visões racistas e preconceituosas, conta a história da disputa pela presidência entre uma feminista branca, um homem radical branco e um homem popular negro. Os negros aproveitam a desunião entre homens e mulheres brancos para eleger um presidente negro. Os brancos se vingam esterilizando os vencedores com um produto para alisar cabelos.

Reinações de Lobato a parte, não há algo de familiar nesta disputa? Primeiro Hillary, mulher branca, contra Barack, homem popular negro. A sociedade branca norte americana desgostosa com seu líder atual, George Bush, se desune. O representante do governo, o branco McCain, não consegue melhorar a impopularidade da administração de seu parti-

do e nem convence os não tradicionalistas de que seria a melhor escolha. Conclusão: é eleito o 44º presidente dos EUA, em 2008, (portanto, exatos 220 anos antes do que profetizava Monteiro Lobato), o negro Barack Hussein Obama. Sua vida sempre foi um grande caleidoscópio de situações. Filho de mãe branca do Kansas e pai negro do Quê



nia é um leonino nascido em 4 de agosto de 1961. Nasceu no Havaí, viveu sua infância na Indonésia com sua mãe e padrasto, mas se tornou cidadão do mundo nos EUA.

Formado em Harvard, poderia ter escolhido tanto a carreira docente como a de grande advogado, mas preferiu cuidar de pessoas. A convivência com a pobreza do Tercei-



ro Mundo certamente o influenciou na escolha de seus caminhos. Obama cursou o Occidental College de Los Angeles, onde deu seus primeiros passos em direção à vida política. Sua primeira aparição foi em um comício sobre o apartheid. Mas, ele queria mais. Decidiu deixar falar mais alto seu sangue nômade e atravessou o país. Foi para Nova Iorque e lá estudou Ciências Políticas na Universidade de Colúmbia. Depois, mudou-se para Chicago, onde trabalhou na implantação de um sistema que estimulava os pobres a participar do processo político do país.

Quando entrou na Faculdade de Direito de Harvard ainda trabalhava como organizador das comunidades do South Side, região formada por bairros pobres povoados por ex-funcionários de siderúrgicas e fábricas. Depois de um ano freqüentando a universidade, Obama trabalha durante o verão em um escritório de advocacia, em Chicago, onde conhece Michelle, também estudante de Harvard e que tornou-se, tempos depois, sua esposa e mãe de suas duas filhas.

Quando termina seu curso em Harvard, retorna a Chicago para seguir sua verdadeira vocação, a carreira política. Inicialmente, preferiu um emprego modesto, mas não deixou de usar seu poder de sedução para consolidar seu caminho como político. Atuava na área de direito civil. Em 1996, foi eleito senador pelo estado de Illinois. Em 2000, concorreu com o congressista Bobby Rush, um antigo membro dos Panteras Negras, e perdeu. Então decidiu dar um salto ainda maior no seu intento eleitoral. Queria o senado federal. E assim foi. No outono de 2004, Barack Hussein Obama é eleito senador dos Estados Unidos. E, como não podia deixar de ser, passou a falar na presidência do país.

Determinado, Obama entrou na briga para ganhar. Sabia que não seria fácil, pois, conhecia bem de perto o preconceito de seu país. Foram 22 meses de campanha até o desfecho desejado. Homem jovem, de fala grave e forte. Vem com discurso de mudança e muda o cenário daquilo que se acreditava impossível. Ele é o novo presidente do mais poderoso país do planeta.

Obama hoje traduz a vontade dos afro-americanos ao se eleger presidente. A esperança de novos tempos se faz presente na vontade que se mostrou nas urnas. Maior participação em eleições da história do país, ele tem agora o desafio de fazer com que as coisas mudem de fato. "Yes, we can".



Luta por direitos civis

1619

Em Jamestown, Virgínia, os primeiros 20 africanos são vendidos como escravos nas colônias americanas

1636

O primeiro navio americano de tráfico negreiro parte de Massachusetts, também a primeira colônia a legalizar a escravidão, em 1641

1861-1865

Guerra Civil Americana opõe a União, dominada pelos Estados industrializados do norte, aos separatistas do sul. Em 1862, o presidente Abraham Lincoln torna a abolição da escravatura um objetivo de guerra



1865-1870

Emendas constitucionais 13, 14 e 15 garantem igualdade formal a negros e brancos

1896

Caso Plessy x Ferguson (que condenou Homer Plessy, preso após se recusar a deixar um vagão destinado apenas a brancos na Louisiana) estabelece o paradigma jurídico de "separados, mas iguais", legalizando a segregação em espaços públicos

1945

O general Dwight Eisenhower integra unidades de soldados negros a regimentos militares, antes formados apenas por brancos

1954

Suprema corte proíbe segregação racial nas escolas

1955

Absolvição de assassinos de jovens negros como Emmett Till, 14 anos, provoca comoção nacional

A ativista negra Rosa Parks é presa por recusar-se a ceder lugar num ônibus a um branco

1961

Ônibus percorrem o país em campanha pelo fim da segregação nos terminais rodoviários. Muitos são presos no sul. A expressão "affirmative action" (ação afirmativa) é empregada pelo presidente John F. Kennedy ao expedir o decreto lei 10.925, proibindo discriminação nas contratações e relações de trabalho no governo federal

1962

James Meredith ganha na Justiça o direito de estudar na Universidade de Mississippi, mas é impedido pelo governador e por estudantes. O presidente John Kennedy envia exército para permitir que Meredith frequente as aulas

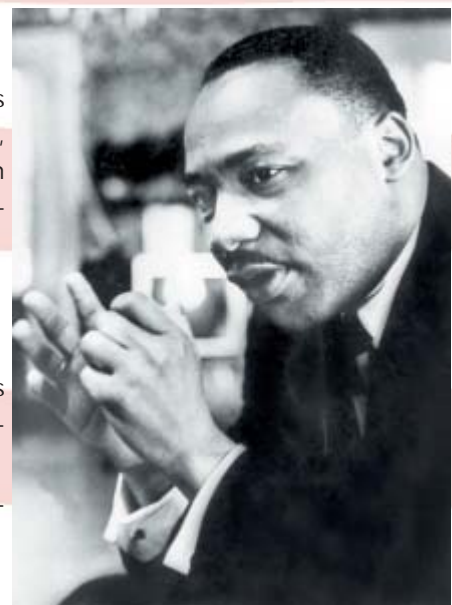
1963

Ativistas pró-direitos civis marcham até Washington, onde o reverendo Martin Luther King Jr. faz seu discurso "Eu tenho um sonho"

1964

É aprovada a Lei de Direitos Civis, que proíbe a segregação em espaços públicos

Martin Luther King Jr. recebe o Prêmio Nobel da Paz



nos Estados Unidos

1965

Policiais atacam ativistas negros que pretendiam marchar do condado de Selma até a capital do Alabama em protesto contra o assassinato do ativista Jimmie Lee Jackson por um policial. A manifestação se completa na terceira tentativa

Lei do Direito ao Voto impede subterfúgios usados para impedir o direito ao voto de negros no sul dos EUA

1968

Martin Luther King Jr. é assassinado

1978

Suprema Corte admite que raça seja um dos critérios de admissão na Universidade da Califórnia. Diversas instituições passam a adotar políticas de ação afirmativa

1989

General Colin Powell torna-se o primeiro negro a ocupar o cargo de chefe das Forças Armadas

1992

Vídeo de policiais brancos dando uma surra em Rodney King, negro, provoca revolta em Los Angeles. As violentas manifestações deixam 53 mortos

1995

A Universidade da Califórnia anuncia que abandonará programas de ação afirmativa, incendiando debate sobre a pertinência da discriminação corretiva

2001

Presidente Bush nomeia Condoleezza Rice como secretária de Estado, a primeira negra a assumir o cargo

2006-2007

Seis adolescentes agredem um colega branco após episódios racistas na escola secundária de Jena, no sul dos EUA. Rigor apontado como excessivo na condenação dos jovens provoca protestos contra suposta discriminação do sistema jurídico

2008

Barack Obama é eleito primeiro presidente negro dos EUA



A primeira-dama negra dos EUA

AO LADO DE UM GRANDE HOMEM EXISTE UMA GRANDE MULHER. NEM À FRENTE E NEM ATRÁS E SIM AO LADO. ESSA É MICHELLE OBAMA, A PRIMEIRA-DAMA E QUE VEM CATIVANDO O PÚBLICO ELEITORADO DE SEU MARIDO, GRAÇAS AO SEU CARÁTER FORTE E DOMINANTE. “ELA É A ROCHA DA FAMÍLIA”, DEFINE O PRESIDENTE BARACK OBAMA, UMA MULHER FIRME QUE O MANTÉM COM OS PÉS NA TERRA.

O porte impecável no trajar, lhe rendeu citações na revista *Vogue* e revista *Vanity Fair*. Ela aparece na lista internacional das mulheres mais bem vestidas. Tanto entende de moda como sabe trabalhar e envolver-se na área política. Uma tarefa que dividiu de modo parcial entre a campanha de Obama e sua prioridade “número um”: cuidar de suas filhas Malia, 9 anos, e Sasha, 7 anos.

No começo da campanha, Michelle foi muito criticada por, supostamente, prejudicar a imagem do marido ao mencionar em público pequenas particularidades da vida de qualquer casal, como o fato de ele roncar, ter mau hálito pela manhã, esquecer de colocar a manteiga na geladeira e deixar meias soquetes jogadas pela casa. Na época, a colunista do “*The New York Times*”, Maureen Dowd, a chamou de mulher “dominante” e “castradora”. Também ganhou fama de ressentida, por dizer que a candidatura do marido fazia sentir-se “realmente orgulhosa de seu país”. A preocupação em não decepcionar o marido contribuiu para que ela desse a volta por cima. Afinal, desde menina sempre se preocupou em não ser uma decepção ao pai, Fraser Robinson, um homem de poucas palavras e muita autoridade - que apesar de sofrer de esclerose múltipla - madrugava todas as manhãs para ir para o trabalho no departamento de serviços hidráulicos da Prefeitura de Chicago, cidade onde nasceu em 17 de janeiro de 1964, num bairro negro e pobre.

Carinhosa, sua mãe, Marian, criou ela e o irmão Craig para que pensassem no possível e não no impossível, de modo a ter a educação que eles não puderam. A disciplina era rígida, como por exemplo, assistir TV só uma hora por dia. Após o ensino médio, Michelle foi para a Universidade de Princeton e formou-se em Sociologia (1985), e em Direito na Universidade de Harvard (1988). Começou a trabalhar na área de marketing e propriedade intelectual em um escritório de advocacia, em Chicago, onde conheceu Barack Obama. Em 1991, ela deixou a empresa para iniciar uma carreira no serviço público como assessora do prefeito da sua cidade natal.

No mesmo ano perde seu pai e também o falecimento de uma de suas melhores amigas, em Princeton, levam Michelle a repensar sua vida. Assim, ela dedica-se ao trabalho social. Em 1992, casa-se com Obama. Em 1996, começa seu envolvimento com a Universidade de Chicago, onde desenvolveu o primeiro programa de serviço voltado à comunidade da instituição e também gerenciou um programa de diversidade empresarial.

Aos 44 anos, Michelle tem pela frente um dos maiores desafios de sua vida: ocupar o cargo de primeira-dama negra dos Estados Unidos, com todas as atenções do mundo voltadas a ela, desde suas ações e trajes até a personalidade forte e segura que se espera da esposa do primeiro presidente negro - o 44º da história daquele país.



Foto: AFP Photo

MICHELLE OBAMA

O tom da cor

SÓ HÁ O PÓS, DEPOIS DO ANTES. SÓ SE CHEGA, DEPOIS DA CAMINHADA. SÓ SE REÚNE O QUE ESTEVE SEPARADO. ENTENDER A DIFERENÇA NÃO É QUERÊ-LA, PODE SER O OPOSTO. A IMPRENSA BRASILEIRA, TÃO CAPAZ DE VER AS DESIGUALDADES RACIAIS DOS ESTADOS UNIDOS, TÃO CAPAZ DE COMEMORAR UM PRESIDENTE NEGRO, PREFERE, EM CONSTRANGEDORA MAIORIA, O SILÊNCIO SOBRE A DISCRIMINAÇÃO NO BRASIL.

Lendo certos artigos, editoriais e escolhas de edição sobre a questão racial no Brasil, me sinto marciana. Sobre que país eles estão falando, afinal? Com que constroem argumentos e enfoques tão estranhos? Por que ofender com o espantosamente agressivo termo “racialista” quem quer ver os dados da distância entre negros e brancos no Brasil? Não é possível estudar as desigualdades sem pesquisar as diferenças entre os grupos. Não se estuda sem dados. No Brasil, há quem se ofenda com a criação de critérios para levantar os dados de cor como se isso fosse uma ameaçadora “classificação racial”.

Veja-se a cena que está nas abundantes e belas imagens da vitória americana. Há várias tonalidades de pele no grupo que se define como afro-americano. Aqui, sustenta-se que miscigenação é exclusividade nossa e que ela eliminou as diferenças. Os pardos (ou mulatos, como alguns preferem) e os pretos (como define o IBGE) estão muito próximos em inúmeros indicadores e estão muito distantes em relação aos brancos. Negar a miscigenação é constatar que ela não eliminou a desigualdade. Medida à distância, é preciso conhecer suas razões. Só assim é possível construir as pontes que ligam as partes.

O presidente Barack Obama fez a campanha por sobre as diferenças raciais, por vários motivos. Primeiro, por estratégia eleitoral: falava para um país de eleitorado majoritariamente branco. Qualquer candidato que escolha apenas um grupo perde a eleição. Ganha-se a eleição construindo-

se coalizões. Ele formou a dele com os 90% de votos dos negros, 60% de votos dos latinos e 45% de votos dos brancos. Como há muito mais brancos no país, em termos numéricos, recebeu em termos absolutos mais votos de brancos. Vitória americana sobre sua própria História.

Outro motivo é que ele veio “após”. Ele não precisava do discurso de reivindicação de direitos, porque ele já foi feito na gloriosa caminhada que conquistou tanto. Um esforço que exige novos passos, mas que é extraordinariamente bem-sucedida.

Obama não precisava acentuar sua condição de negro. Ele é. Por isso, os jornais do mundo inteiro comemoraram “o primeiro presidente negro”. Ele também é filho de branco, mas por que isso não causa espanto? Ora, porque os brancos são a etnia dominante. A novidade está em sua origem negra. O jornalismo destaca o novo, e não o fato banal.

Certas análises no Brasil se perderam em encruzilhadas, tentando adaptar os fatos às suas interpretações do que sejam as diferenças entre os dois países. Lá e cá houve e há discriminação. Lá, não negaram e evoluíram. Aqui, nos perdemos em questiúnculas desviantes, quando o central é: há desigualdades raciais e elas são intoleráveis. Pessoas que pensam assim se esforçam para entender as razões e as raízes das desigualdades, se debruçam sobre os dados, não negam o problema existente. A libertação vem da verdade conhecida.

Quem não sabe, a esta altura, que o conceito de “raça” é

falso? É bizantino repetir isso. Discutir a desigualdade racial não é a forma de “racializar” o País, mas sim constatar um problema, criado sobre um artificialismo, e que exige superação. Racializado ele já é, com esta vergonhosa ausência dos negros (pretos e pardos), de todos os círculos, do poder no Brasil.

Comemorar a vitória em terra alheia, negando a existência da derrota em casa, é uma escolha que tem sido feita com insistência no Brasil. Na festa de Obama, isso se repetiu. Aqui se vai da negação do problema à condenação de todo tipo de instrumento usado para enfrentá-lo. Tudo é acusado de ser “racialista”: constatar as desigualdades, apontar suas origens na discriminação, tentar políticas públicas para reduzi-las. Argumentam que temos que

melhorar a educação pública. Claro que temos, sempre tivemos. É urgente que se faça isso. Alguém discute isso? A diferença entre a forma como o racismo se manifesta nos Estados Unidos e no Brasil não pode ser usada para perdoar o nosso. Aqui, vicejou a espantosa idéia da escravidão suave, como viceja hoje a idéia de que temos uma espécie de “racismo benigno” ou “apenas” uma discriminação social que atinge os negros pelo mero acaso de serem eles majoritários entre os pobres. São palavras que se negam. Este tipo de violência não comporta o termo “benigno”, como nenhuma escravidão pode ser suave, por suposto.

MÍRIAM LEITÃO e LEONARDO ZANELLI, jornalistas

PUBLICADO NO JORNAL O GLOBO, 07/11/2008, COLUNA PANORAMA ECONÔMICO.



Barack Obama: Começa a grande mudança

“Se existe alguém que ainda duvide que a América seja um lugar onde todas as coisas são possíveis (...) essa noite é a resposta” disse Barack Hussein Obama, presidente eleito dos Estados Unidos. E ele estava certo. A sua ascensão pessoal desde a infância em Jacarta, chegando à Universidade de Harvard e Columbia até a Casa Branca é impressionante. Ainda mais vindo de uma família modesta, sendo negro e tendo um pai queniano.

Mas ele contou, para o êxito dessa empreitada, com uma grande legião nacional. Arrecadou durante a campanha a espantosa soma de US\$ 700 milhões, grande parte via web. Essa quantia foi mais que o dobro arrecadado pelo rival John McCain. Grande parte desses doadores voluntários participou de comitês em todos os 50 estados norte-americanos, o que repercutiu em cerca de 4 milhões de novos eleitores em todo país. Parte expressiva dos meios de comunicação se declararam à favor da sua presidência. As notícias transmitidas pelas quatro principais redes de televisão dos Estados Unidos, ABC, CBS, NBC e Fox mostraram um viés mais favorável a Obama. O mesmo pôde ser visto na mídia jornalística. Nela se destacava o edito-

rial do New York Times intitulado “Barack Obama para presidente”. Obama recebeu apoio até mesmo de alguns republicanos de destaque que trocaram de lado na eleição, dentre eles McClellan, ex-secretário de imprensa de Bush, Arne Carlson, governadora de Minnesota, e Colin Powell, secretário de estado no primeiro mandato de Bush. Várias faixas da sociedade civil norte-americana apoiaram Obama. Os hispânicos foram decisivos nos estados da Flórida, Colorado, Novo México e Nevada. A crença em uma reforma migratória mais inclusiva e menos xenófoba parece ter norteado tal opção. Por todos os estados as mulheres e os independentes votaram maciçamente em Obama. E, apesar de Obama não ter utilizado a questão racial como plataforma de campanha, os negros foram praticamente unânimes no seu apoio ao candidato. A questão religiosa, que teve tanta importância nas eleições de 2000 e 2004 para o partido republicano, acabou tornando-se pouco relevante. Nesses dois pleitos a Direita Cristã norte-americana, dividida em protestantes e católicos conservadores, votou em bloco Bush por ser um “born again” e ter Jesus como seu mentor filosófico. Obama, por sua

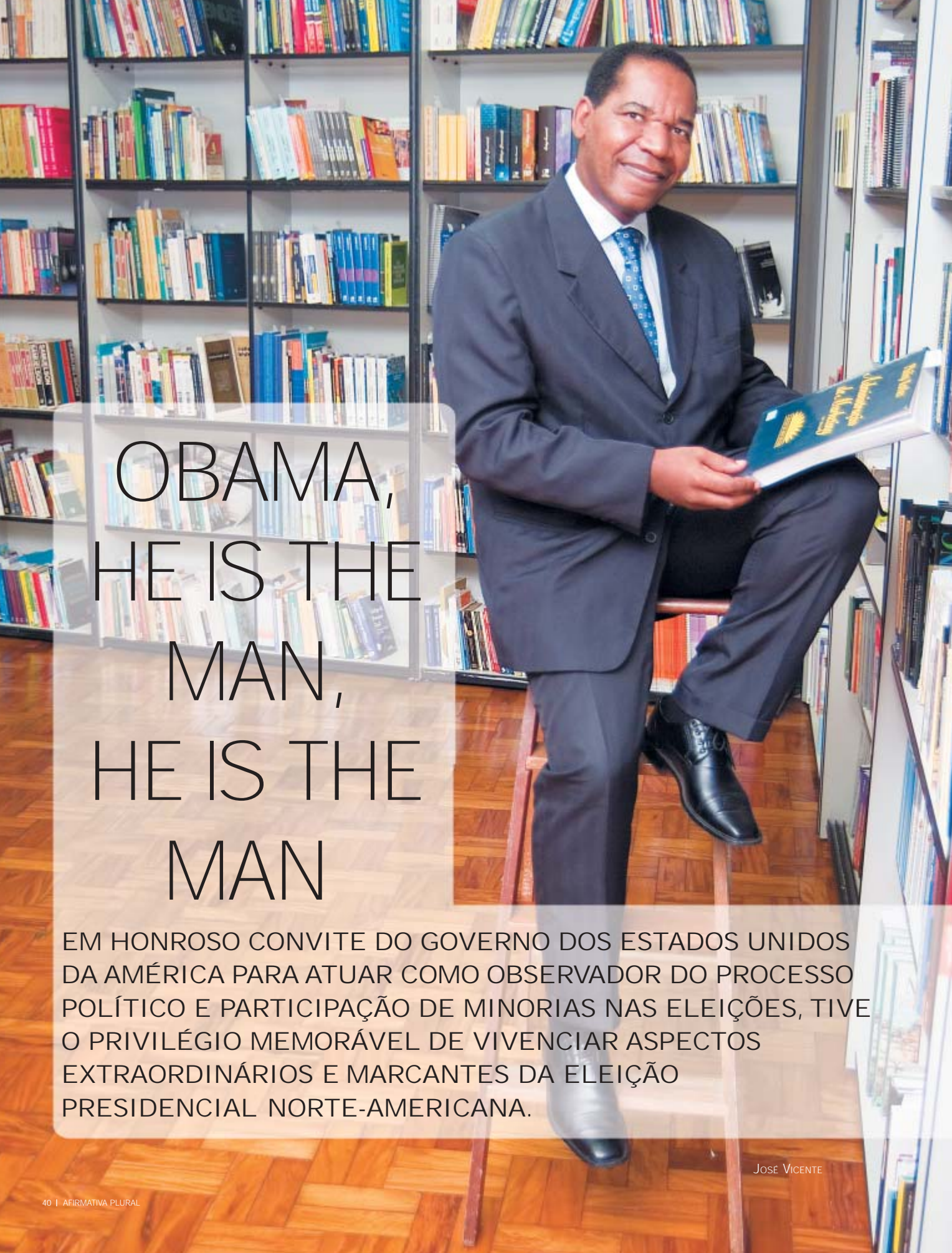


vez, fez questão de se distanciar de qualquer filiação religiosa, o que ficou claro na sua fala contida e moderada em relação ao apoio do pastor Jeremiah Wright e Louis Farrakhan durante a corrida presidencial. Pela religião não ter sido alçada à questão fundamental Obama garantiu uma votação equilibrada no campo católico e perdas poucos sensíveis no campo protestante.

Esse conjunto de apoios e abstenções foi mobilizado tanto por um discurso de esperança, quanto pelo de mudança. A instrumentalização da “herança maldita” de George W. Bush foi fundamental para garantir a vitória do democrata. A esperança que Obama pregou foi por uma administração nacional e internacional mais legítima. Como um espelho, pregou o que seria o contrário das guerras do Iraque e do Afeganistão, dos abusos em Abul Graib e em Guantánamo, do unilateralismo ambiental e político, bem como dos equí-

vocos que teriam gerado a crise financeira norte-americana. Obama seria o inverso de Bush. Obama seria a única saída posta ao público no fim de uma Era desastrosa. Teria a capacidade de conduzir seu povo e o mundo por caminhos melhores e mais justos por uma administração benigna. Mas há de se ter em conta que o seu discurso messiânico, remetido recorrentemente aos pais fundadores da nação, reforça a tradição norte-americana de destino manifesto e responsabilidade internacional. O que isso significará para o resto do mundo e para os próprios norte-americanos só poderá ser auferido com as ações dos próximos anos.

PAULO PEREIRA, Vice-Coordenador do curso de Relações Internacionais da PUC-SP, Pesquisador do Observatório das Relações Estados Unidos - América Latina (OREAL)

A man with dark skin, wearing a dark grey suit, a white shirt, and a blue patterned tie, is sitting on a wooden chair in a library. He is holding a book with a blue cover and yellow text. The background is filled with bookshelves packed with books of various colors. The floor is made of light-colored wood.

OBAMA, HE IS THE MAN, HE IS THE MAN

EM HONROSO CONVITE DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA PARA ATUAR COMO OBSERVADOR DO PROCESSO POLÍTICO E PARTICIPAÇÃO DE MINORIAS NAS ELEIÇÕES, TIVE O PRIVILÉGIO MEMORÁVEL DE VIVENCIAR ASPECTOS EXTRAORDINÁRIOS E MARCANTES DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NORTE-AMERICANA.

JOSE VICENTE

Ativista negro, conhecedor das peculiaridades e das artimanhas do racismo e da discriminação racial contra o negro no Brasil, ali, no olho do furacão, interessava-me, sobremaneira, capturar alguma pista expressiva que indicasse qualquer coisa além da vista, frente ao instigante, contraditório e inusitado fenômeno sócio-político-cultural.

Como num país de histórico de segregação racial em que suas vítimas, os negros, representam pequena fração da população – os negros são 13% dos americanos – e do eleitorado, pudesse o candidato negro galvanizar o voto da maioria dos eleitores que também na maioria são brancos?

Como numa eleição que opõe um branco e um negro num país de histórico de segregação racial, a discussão de raça se colocara ausente do debate?

E, afinal, como a escuridão pantanosa da segregação racial americana forjara um cometa, se a montanha luminosa da democracia racial brasileira nunca conseguiu ir além do samba de uma nota só de que não somos racistas?

Vinte e cinco dias, 09 Estados, 30 mil quilômetros percorridos, depois, os diálogos francos, amistosos e autônomos com Governo, Empresas, Imprensa, Universidades, Escolas, Polícia, Igrejas, Câmaras de Comércio e Organismos da Sociedade Civil permitiram acesso a preciosas informações sobre os sentimentos, percepções, atitudes e utopias de parcela representativa do povo americano. A tecla do código sintético em todas as abordagens foi sempre “esperança”.

Em Atlanta, Geórgia, cidade majoritariamente negra, onde a prefeita é negra, a classe média e parte dos ricos são negros, e que, seguramente possui a maior quantidade de negros com “carrões” reluzentes por metro quadrado, encontrei mais uma preciosa pista.

Ali, ao lado do túmulo do Dr. King, da Coca-Cola e da CNN, negros e brancos me dizem que nada mudou. O racismo está aqui presente e latente impregnado no ambiente. Dinheiro, mérito e sucesso profissional não curam doença da alma, falar de raça aqui é o suficiente para as pessoas ficarem nervosas, é preferível o silêncio. Ainda assim, precisamos ir adiante. Este será sempre nosso destino, ir adiante, ainda que deixemos para trás

coisas mal resolvidas. Obama nos trará dias melhores. É dos nossos, sabe das nossas coisas, poderá ajudar a construir um futuro com menos rancor e com mais tolerância entre negros e brancos.

Em Arlington, Virginia, na sede regional do Comitê de McCain em uma conversa amena com seu coordenador nacional de coalizão, um negro alto, bem apessoado, com ares de intelectual e com um histórico de sucesso na máquina partidária republicana, encontrei um mapa.

Erudito e introspectivo, explicava de maneira convicta que os americanos construíram um país de muitas qualidades e também de muitas imperfeições, cujo modelo estava esgotado. O povo quer ir em frente, quer algo além das suas fraquezas e de suas limitações, querem seu sonho de volta.

Sem essa perspectiva, continuava ele, não haverá motivação para os indivíduos que estão embaixo, nem segurança para os que estão em cima. Será impossível manter e garantir a democracia, nossa maior conquista.

Obama é o novo, é a evolução do nosso processo histórico, da melhora qualitativa da nossa mentalidade sócio-política e do desejo sincero de aperfeiçoamento da maioria da nossa sociedade. Foi fruto da revolução que teve como marco a luta pelos direitos civis que se fez por fora e é resultado da transformação política que está sendo feita por dentro. Obama mexe como nossos medos e desperta nossos fantasmas, mas também confirma que progredimos, me disse o coordenador.

Mas foi em Austin, no Texas, que, finalmente desvendei o mistério, encontrei a chave e decifrei o código. Ali, no Auditório do Centro de Performance e Artes, centenas de jovens negros e brancos que se acotovavam para assistir num telão o penúltimo debate presidencial, a cada intervenção de Obama, aplaudiam a imagem no telão. Ao final, como despertados de um sono sagrado, de pé, punhos erguidos, com a força de um furacão verberaram numa sinfonia alegre, vibrante e ensurdecadora o nome da esperança e a face da mudança:

Obama, He is the man, He is the man.

JOSÉ VICENTE, Advogado, Mestre em Administração e Doutorando em Educação pela UNIMEP, Reitor da Zumbi dos Palmares.



RUTH GUIMARÃES

Uma negra imortal

PRIMEIRA ESCRITORA NEGRA
EMPOSSADA NA ACADEMIA
PAULISTA DE LETRAS

POR: ISABELLA DE LUCA

Dona Ruth Guimarães é uma senhora de Cachoeira Paulista (interior de São Paulo) de 88 anos, mais lúcida que muitos jovens de 20 anos. Seu gosto pelos livros veio de seus pais. O pai tinha uma biblioteca e a mãe adorava ler romances. Com quatro anos de idade já lia pela fazenda em Pedra Branca, Minas Gerais (atual Pedra Alva) onde morava.

Era uma grande fazenda, a casa com 26 cômodos (e apenas quatro empregados) e a fábrica de açúcar e bebida. Tudo era administrado por seu pai. “Morávamos na casa grande e tínhamos uma babá que cuidava da gente, era uma fazenda com gados, moinhos e meio perigosa para criança”, recorda-se. Como a babá ia à escola estudar, Ruth começou a acompanhá-la, com apenas quatro anos.

A surpresa veio quando um dia, passando pela sala, leu a manchete do jornal que estava aberto nas mãos de seu pai. Filha mais velha de seis irmãos, não parou mais de

estudar. Viveu em várias cidades do interior paulista e assim passou por diversas escolas. Foi expulsa de uma escola religiosa porque fugia da sala de aula para tomar sorvete.

Veio para São Paulo e procurou o ensino público, entrou na escola Padre Anchieta, onde teve como colega Bibi Ferreira, famosa atriz e cantora carioca que também foi expulsa de uma escola de freiras por ser filha de artistas. “Na época filhos de artistas não eram bem aceitos na sociedade”.

Formou-se em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), além de frequentar a Escola de Arte Dramática de Alfredo Mesquita, estudando Dramaturgia e Crítica. Aos 26 anos, quando trabalhava como datilógrafa, escreveu seu primeiro livro *Água Funda*, um romance sobre a população de uma zona rural no começo da era industrial no Brasil. “Eu era datilógrafa em São Paulo e passava todos os dias pela Rua Direita, na frente da drogaria Baruel e lá tinha um grupo de pessoas que se reunia para conversar. Eles mesmos não sabiam, mas era um grupo de discussão literária. Jorge Amado, Gilberto Amado, o velho Amadeu Queirós, pessoas da mídia. Informaram-me que podia entrar quem quisesse, então eu entrei”.

No início, Ruth com 20 anos participava das reuniões mas nem falava até que contou ter escrito um livro. Entregou-o na mão de Amadeu Queirós que se deliciou com a obra entregou à Editora Globo e que resolveu publicá-la. Grandes críticos da época, como Antônio Candido, também teceram elogios à sua primeira obra, que teve grande vendagem. Depois disso, começou a trabalhar como jornalista e passou por diversos veículos. Foi cronista da *Folha de São Paulo* por 14 anos e repórter de revistas como *Noite Ilustrada*, *Realidade* e *Quatro Rodas*.

Durante os anos 60 e 70, em plena Ditadura Militar, Ruth sentiu na pele a falta de liberdade de expressão, “nós escritores éramos considerados comunistas ou socialistas, tudo que escrevíamos era reeditado e recortado”. Ao todo, entre seus livros, traduções (Ruth fala latim, grego, português e francês) e duas peças que depois foram para os palcos, “*A Pensão de Dona Branca*” e “*Romaria*”, Ruth tem mais de 40 obras e agora está se dedicando à literatura infantil: “sou uma pessoa de sorte, tudo caiu na minha mão”. Nós, leitores, até podemos concordar, mas não nos resta dúvida que sua capacidade e inteligência também a ajudou e muito.

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Há 20 anos, Ruth recebeu o convite da Academia Paulista de Letras e não pôde aceitar porque casada não poderia abandonar seus filhos (ela teve nove filhos) para fazer parte das discussões que sempre ocorrem na Academia. Na segunda vez, depois de dez, anos também rejeitou o pedido de Paulo Bonfim para ocupar uma cadeira.

Somente este ano pôde, enfim, receber o reconhecimento que tanto merece. Em junho foi eleita a primeira escritora negra empossada na APL, aceitou e passou a ocupar a cadeira 22, deixada por Odilon Nogueira de Matos. Na eleição, venceu por unanimidade: foram 34 votos válidos, quatro em branco. Agora, toda semana, às quintas-feiras, ela viaja de sua chácara em Cachoeira Paulista para o chá de discussão que reúne os empossados pela Academia.



RUTH GUIMARÃES

Quilombinho é sinônimo de felicidade



CRIANÇAS ATENDIDAS NO QUILOMBINHO



Sorrisos, brincadeiras, educação. Esta é a mistura do trabalho realizado no Centro Cultural Quilombinho. Fundado há cinco anos em Sorocaba, atende 60 crianças e adolescentes em atividades na área das artes como teatro, dança, música, canto e, em breve, cinema.

Nascido do sonho da professora de Educação Física, Rosângela Cecília da Silva Alves, e da educadora licenciada em História, Andréia Oliveira, o Quilombinho teve seu embrião na ação das professoras no projeto "Curumim", desenvolvido pelo Núcleo de Cultura Afrobrasileira (NUCAB) da Universidade de Sorocaba (UNISO) do qual as duas fazem parte.

Rosângela conta que foi através da participação das atividades do NUCAB que se capacitou para fazer do Quilombinho o que ele é hoje. "Fui convidada várias vezes para ministrar cursos de capacitação para professores da Educação Infantil da rede municipal de Sorocaba onde trabalha-

va com recreação, jogos, música e brincadeiras sempre com a vertente afro. No meu curso de pós-graduação desenvolvi projetos ainda voltados para a comunidade e o desejo de fazer algo sólido foi fortalecendo dentro de mim", conta.

Paulo Betti, ator e diretor, apresentado ao projeto, abraçou a ideia. Sorocabano, possui uma casa onde funciona o Instituto Vila Leão. "Fui criado no bairro onde o Quilombinho está instalado. A Vila Leão. Fiquei lá dos 3 aos 21 anos. Naquela casa. A vila tinha 90% de sua população formada por negros. Era praticamente um quilombo", explica.

Hoje, o projeto virou gente grande. "No mesmo lugar onde fui criado, hoje as crianças comem, aprendem e se divertem. O que mais posso querer?", diz o ator.

Instituição de inclusão através da arte e da formação de cidadãos tem como mais nova ação a montagem de um cine clube. O Quilombinho fica na Rua Caramuru, 203, Vila Leão, em Sorocaba.



-12h -11h -10h -9h -8h -7h -6h -5h -4h -3h -2h -1h 0h +1h +2h +3h +4h +5h +6h +7h +8h +9h +10h +11h +12h



hsbc.com.br

**HSBC, eleito pela
Revista The Banker o
maior banco do mundo.**

HSBC 
No Brasil e no mundo, HSBC



Buffet de Acarajé: a delícia que veio da Bahia

NEUSA SILVA DOS SANTOS, MAIS CONHECIDA COMO DONA PRETA DO ACARAJÉ, É UMA EMPREENDEDORA SOTEROPOLITANA DE MÃO CHEIA. DESDE A INFÂNCIA, NUNCA PAROU QUIETA. AOS OITO ANOS, EM SALVADOR, JÁ "MEXIA" NO CABELO DE SUAS COLEGUINHAS; ALISAVA-OS PASSANDO UM PENTE QUENTE, E MUITAS VEZES, COM A INEXPERIÊNCIA, ACABAVA QUEIMANDO OS FIOS DAS MENINAS.

“ NO EXTERIOR, O ACARAJÉ É CONSIDERADO UM QUITUTE TÍPICO DO BRASIL ”

Ao chegar em São Paulo, aos 30 anos de idade, trabalhou em um Instituto de Beleza no bairro da Lapa. Depois, em Barueri, foi dona de seu próprio salão e do Requite Bahia Bar. Resolveu ir morar em Caçapava, no interior de São Paulo, onde já tinha uma freguesia fixa que vinha para São Paulo. “Minha fama de fazer a chapinha baiana já havia chegado lá”, gaba-se.

Ela que sempre foi adepta de fazer o alisamento viu seu negócio decair na época que começou a moda da trancinha rastafári pelos salões afros, foi então que sentiu a necessidade de mudar de ramo. Quando pequena, sua mãe tinha um restaurante em Salvador, que ficava dentro do antigo Mercado São Miguel. Sempre esperta, ela observava como eram preparados os acarajés. Daí surgiu a idéia de começar a vender o quitute.

Dona Neusa, que depois se auto denominou “Dona Preta do Acarajé”, vinha até São Paulo, montava uma barraca no Largo de Pinheiros, atual bairro onde reside, apenas para tirar fotos de seu suposto negócio. Essa pequena encenação deu certo, pois na região do Vale do Ribeira e arredores seu acarajé já era um sucesso. “Certa vez, em um evento da Volkswagen, a oferta do acarajé de outras baianas era feita por R\$ 2,50 e R\$ 3,00, enquanto que o meu que era R\$ 4,00 foi o escolhido pela qualidade, pelos meus camarões grandes...”.

De volta a São Paulo, depois de quase 14 anos, veio sem o famoso tabuleiro, mas com a idéia de montar em uma mesa e fazer um buffet. Assim, ela criou o primeiro buffet de acarajé do Brasil e hoje sai para os eventos com a mesa de panos rendados. “Lá fora o acarajé é considerado a comida típica do Brasil. Na realidade é um produto afro-brasileiro, veio da África como àkàrà, que significa bola de fogo, e aqui se tornou acarajé, feito com feijão fradinho, cebola, alho, sal, frito no óleo de dendê e recheado com vatapá e caruru. No meu eu ainda coloco vinagrete e camarões graúdos”.

Seu serviço de acarajé é oferecido em domicílio por encomenda ou então em eventos como coquetéis, festas, feiras, convenções, palestras e jantares. Os pratos servidos são de comida afro-brasileira, como moqueca de peixe, bobó de camarão, xinxim de frango, feijoada baiana, mariscada, frigideira baiana e frigideira de frutos do mar, o Buffet de acarajé sai a R\$ 25,00 por pessoa, variando o valor conforme o prato. A cartilha com as receitas dos quitutes (passo-a-passo) sai a R\$ 20.

FARINHA DE CAMARÃO

Além do Buffet e de outras invenções, Dona Preta patenteou no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) diversos produtos, entre eles, a farinha de camarão em um estudo feito pelo Instituto de Pesca de Santos. Segundo ela, a farinha é rica em nutrientes e substitui o camarão defumado que é difícil de ser encontrado no mercado. O Banco do Brasil já concedeu empréstimo de R\$ 400 mil para que ela possa abrir uma empresa que refinará a farinha de camarão.



DONA PRETA

Mulher negra: discriminação dupla

“SALÁRIO DA MULHER NEGRA É, EM MÉDIA, A METADE DO SALÁRIO MÍNIMO”

Cerca de 50,1% da população negra são de mulheres. São 43 milhões de pessoas que representam 24,1% da população brasileira e as que mais sofrem com o fenômeno da dupla discriminação. Os dados apontam que mulheres e negros encontram mais dificuldades para ocupar postos de trabalho, sejam eles formais ou informais.

Este é o resultado da análise preliminar da terceira edição do estudo “Retrato das Desigualdades” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), publicado em setembro, e que tem como foco o universo feminino brasileiro. Em parceria com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), a pesquisa fornece os indicadores que retratam as desigualdades no Brasil. O estudo é uma atualização dos dados do Programa Nacional de Desenvolvimento (PNAD) coletados de 1993 a 2007 sobre diferentes temas com o recorte de sexo e raça.

O estudo mostra que o número de famílias chefiadas por mulheres aumentou consideravelmente. Se em 1993, eram 19,7%, em 2006, elas subiram para 28,8%. Famílias formadas por casais com filhos, chefiadas por mulheres, hoje também são mais comuns do que se possa imaginar. O número desse tipo de família aumentou dez vezes, de acordo com a pesquisa. De 3,4%, em 1993 (247.795 em número absoluto) para 14,2% em 2006 (2.235.233 em número absoluto).

No mercado de trabalho as mulheres vêm aumentando sua participação sensivelmente. Isto se dá por conta do aumento do grau de escolaridade feminina, a queda da fecundidade, novas oportunidades oferecidas pelo mercado e mudanças nos padrões culturais, que transformaram os valores relativos aos papéis de homens e mulheres na sociedade. Se em 1996, 46% das mulheres trabalhavam ou estavam em busca de emprego, em 2006, esta proporção era de 52,6%.

Os dados revelam que as mulheres negras são as que encontram maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho. De acordo com a pesquisa, em 2004, 13,3% das mulheres negras estavam desempregadas, ao passo que, em 1996, o índice era de 9,5%. As jovens de 16 e 17 anos.

As mulheres perdem também em relação ao salário. Enquanto a média salarial brasileira é de R\$ 586,6 e a dos homens brancos é de R\$ 760,9, a média da mulher negra é de R\$ 290,5. Pouco mais que a metade do salário mínimo.

Outra característica do mercado de trabalho para mulheres negras é a informalidade. De acordo com a PNAD de 2004, existiam cerca de 6 milhões de trabalhadoras domésticas, sendo 57% delas negras. Na região norte, enquanto entre as brancas 28,6% possuíam carteira assinada, apenas 9,2% das negras possuíam o registro.

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador CLAUDIANE KENUP SATHLER
CRUCIOL

CNPJ/ME 666 602 031-68

Rua Nº

Município Est.

Esp. do estabelecimento

Cargo EMPREGADA DOMÉSTICA

CBO nº

Data admissão 25 de SETEMBRO de 2006

Registro nº Fls./Ficha

Remuneração especificada R\$ 550,00 (Quinhentos e cinquenta reais)

Claudiane Kenup Sathler
 Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º 2º

Data saída de

Ass. do empregador ou

1º 2º

Com. Dispensa CD Nº

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador

CNPJ/ME

Rua Nº

Município Est.

Esp. do estabelecimento

Cargo

CBO nº

Data admissão de de

Registro nº Fls./Ficha

Remuneração especificada

.....

.....

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º 2º

..... de de

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º 2º

.....



Duas fotos

O PRECONCEITO RACIAL, EMBORA EXISTENTE NO BRASIL, NÃO É SUFICIENTE PARA BRECAR O INGRESSO DE ESTUDANTES NEGROS NA UNIVERSIDADE, E DE JOVENS BRANCOS NA FEBEM.

Cento e vinte anos depois da abolição da escravatura, duas fotos, uma ao lado da outra, mostram como pouco mudou a realidade brasileira. Se olharmos a foto de uma sala de aula em uma universidade federal, veremos somente rostos brancos; uma foto tirada dentro da Febem, mostraria apenas rostos negros.

Essas duas fotos bastam para envergonhar e indignar o Brasil pelo pouco que foi feito ao longo de um século para corrigir o que ocorreu durante os quatro séculos anteriores. Mas nada indica que o Brasil esteja decidido a tomar as medidas para corrigir isso.

A primeira e definitiva ação seria fazer a revolução educacional que permitisse assegurar oportunidades iguais a todas as crianças brasileiras, desde o dia do nascimento até o final do ensino médio, independentemente da cidade em que tenham nascido, da cor de sua pele, da renda de sua família. Está na desigualdade da oportunidade a causa das cores nas duas fotos. A discriminação racial no Brasil não vem de leis discriminadoras. O preconceito racial, embora existente no Brasil, não é suficiente para breicar o ingresso de estudantes negros na universidade, e de jovens brancos na Febem.

Mas essa ação, mesmo que tomada agora, com uma nacionalização da educação básica, levaria 15 anos para surtir o efeito da igualdade de oportunidades raciais no ingresso nas universidades e febems. Até lá, a discriminação social continua e induz à discriminação racial.

Por isso, as cotas para negros são um paliativo para mudar a realidade crônica das duas fotos. Mesmo assim muitos, talvez a maioria da população brasileira são contra a cota, com dois argumentos falsos.

Primeiro, de que levaria à queda na qualidade do ensino.

Um argumento de quem deseja manipular a opinião ou de quem não conhece o assunto. As cotas só beneficiam aqueles que terminarem o ensino médio e passarem no vestibular; apenas promove quem tenha sido aprovado, mas em uma classificação posterior ao limite das vagas. Nada indica que depois de quatro ou cinco anos de curso, um jovem que tenha passado em 25º lugar no vestibular vá ser um profissional melhor do que aquele aprovado em 26º lugar. Ninguém pergunta a um médico a sua classificação no vestibular. A qualidade pode até se elevar graças às cotas, por duas razões: uma, porque aumenta a concorrência no vestibular, ao atrair mais jovens que não pensariam em entrar na universidade; outra, porque os “cotistas” terão de se esforçar para quebrar o preconceito contra eles.

O segundo argumento é de que discrimina jovens brancos que teriam de ceder vaga para negros. Na verdade, a discriminação seria contra os jovens que estudaram em escolas de qualidade, com garantia de acesso à universidade, quase todos brancos, mas que passaram por virem de famílias com renda acima da linha de pobreza.

Isso não piora a universidade, mas tampouco traz qualquer benefício social, porque o jovem negro que termina o ensino médio e passa no vestibular certamente não vem de uma família pobre. Isso somente corrige a vergonha das duas fotos, que mostram a demora em completar a abolição dos escravos, com uma escola pública que assegure igualdade de oportunidades a todas as crianças: descendentes de brancos livres ou de escravos negros.

CRISTOVAM BUARQUE, professor da Universidade de Brasília e senador pelo PDT/DF.

Educação das relações étnico-raciais ganha visibilidade

UMA DAS DEMANDAS MAIS FREQUENTES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS É A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E DE OUTROS SUBSÍDIOS PARA A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES E GESTORES.

Desde 2004, o Ministério da Educação tem feito esforços sistemáticos para construir uma agenda que integre as ações voltadas para o combate à discriminação e preconceito nos sistemas de ensino.

Conforme lembram Ricardo Henriques e Eliane Cavalleiro, as ações estão centradas em, pelo menos, cinco eixos: acesso e permanência da população negra na edu-

cação superior, formação de professores e gestores, construção de diretrizes da educação básica e orientações para a promoção da diversidade étnico-racial, a produção de informações sobre a população escolar a partir do pertencimento racial e a divulgação e fortalecimento institucional da temática.

Nesse último aspecto, tivemos a criação de linha editorial



com recorte na temática da diversidade étnico-racial. Atualmente, o balanço feito é bastante positivo no tocante à edição e reedição de vários títulos. Entre 2005 e 2008, foram apoiados, organizados e editados cerca de 19 títulos, com tiragens médias de 10 mil exemplares. No caso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana foram distribuídas mais de 1 milhão de exemplares para todas as escolas do país. É fato que, para fazermos uma ampla e qualificada distribuição de material, as tiragens devem ainda atingir um número mais expressivo.

NOVAS PUBLICAÇÕES

No final de maio passado, o MEC lançou mais quatro publicações que pretendem contribuir de forma significativa para o debate e a reflexão sobre temas fundamentais para a população negra brasileira e para a sociedade em geral. A primeira é o livro *Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior*, que apresenta os resultados de 12 pesquisas sobre acesso e permanência da população negra no ensino superior realizadas em 2006 pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

A segunda publicação é o livro *O Programa Diversidade na Universidade e a construção de uma política educacional anti-racista*, que traz o primeiro balanço das várias experiências educacionais realizadas no âmbito do Programa Diversidade na Universidade, executado entre os anos de 2002 e 2007.

Além disso, o livro indica os caminhos inovadores fomentados e criados por organizações não-governamentais, universidades e prefeituras por meio dos projetos inovadores de cursos em relação ao acesso e permanência da população negra no ensino superior.

ATENDIMENTO ÀS DEMANDAS

As duas últimas publicações atendem diretamente à demanda por material didático. O livro *Estórias Quilombolas* reúne estórias coletadas em pesquisa de campo nas comunidades remanescentes de quilombos dos Estados de Maranhão, Goiás, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Contém também dezoito ilustrações feitas pelos alunos de uma escola da Comunidade Remanescente de Quilombo Kalunga, localizada no Município de Teresina de Goiás (GO). O objetivo da publicação é valorizar a oralidade dos antigos e das lideranças das comunidades e contribuir para desenvolvimento da auto-estima dos moradores das co-

// ENTRE 2005 E 2008, FORAM APOIADOS, ORGANIZADOS E EDITADOS CERCA DE 19 TÍTULOS, COM TIRAGENS MÉDIAS DE 10 MIL EXEMPLARES. //

munidades remanescentes de quilombos, principalmente alunos e professores.

RESGATE DA HISTÓRIA AFRICANA

Yoté: o jogo da nossa história é um jogo de estratégia dos povos africanos, que pode ser praticado por dois ou mais jogadores(as) e é encontrado em vários países da África Ocidental, tais como Senegal, Guiné e Gâmbia. Constitui-se em material didático que busca resgatar a história dos negros e sua contribuição aos diversos setores da sociedade brasileira. Destinado a todas as crianças, especialmente àquelas que estão em áreas de remanescentes de quilombos, o jogo conta a vida e a obra de personagens brasileiros, a exemplo de Chiquinha Gonzaga, Mãe Menininha, Pixinguinha e Zumbi dos Palmares. Além disso, abre a possibilidade de incluir personagens da própria localidade onde será utilizado e apresenta uma série de atividades pedagógicas e dicas para os professores trabalharem vários conteúdos no dia-a-dia da sala de aula.

Todas essas ações conjugadas são fundamentais para a implementar a Lei 10.639/03, que altera a Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), instituindo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, e para criar as condições necessárias para a formação de gestores e professores envolvidos na educação das relações étnico-raciais.

Dessa forma, a velha etiqueta das relações raciais, ainda fundamentada em padrões discriminatórios, pode ser revista e reestruturada conforme os valores da igualdade, da liberdade, da pluralidade e da participação de todos(as) os(as) cidadãos(ãs).

MARIA LÚCIA DE SANTANA BRAGA, Socióloga, doutora em Sociologia e técnica do Ministério da Educação.

Energia e poluição

Energia é essencial para todas as atividades humanas e a fonte inesgotável de que dispomos é a energia do sol. É ela que nos ilumina todo o dia, faz crescer as árvores que podemos queimar para cozinhar e nos aquecermos no inverno, evapora as águas dos oceanos que acaba por dar origem às chuvas que alimentam os rios cujas águas podem gerar energia e dá origem aos ventos que permitem a navegação. Há centenas de milhões de anos imensas quantidades de árvores e outros resíduos biológicos foram soterrados e aos poucos se transformaram no carvão, petróleo e gás que são hoje as fontes básicas de energia que usamos. Eles são chamados de combustíveis fósseis, como são os esqueletos dos dinossauros.

O ideal seria usar diretamente a energia do sol para atender nossas necessidades de energia, mas o problema é que ela é muito diluída sendo necessário concentrar a energia solar que cai sobre uma grande área para fornecer a eletricidade ou os combustíveis que precisamos. No carvão, petróleo e gás a energia solar é concentrada.

Na vida moderna de hoje cada habitante da Terra consome cerca de 2 toneladas por ano de combustíveis fósseis. Como a população humana já atingiu mais de 6 bilhões o consumo total é de cerca de 12 bilhões de toneladas, isto significa que os combustíveis fósseis não vão durar para sempre e entre eles o petróleo vai se esgotar mais rapidamente que os outros, talvez dentro de 40 ou 50 anos.

Há ainda um outro problema com os combustíveis fósseis: eles são a principal fonte de poluição nos dias de hoje. Os principais derivados do petróleo, gasolina e óleo diesel movimentam as frotas de automóveis e caminhões no mundo todo e as emissões resultantes do seu uso poluem o ar das cidades e estão mudando a composição da atmosfera.

Quando gasolina e óleo diesel queimam nos motores é

emitido dióxido de carbono (CO₂) que vai para a atmosfera. Desde o ano 1800 a percentagem de CO₂ na atmosfera já aumentou de 0,27% para 0,38%. Parece pouco, mas é devido a este aumento que a temperatura da Terra já aumentou de 1 grau centígrados o que basta para começar a derreter as calotas polares, elevar o nível do mar e aumentar a frequência de eventos climáticos extremos como tufões, secas e inundações. A única solução realista para estes problemas é voltar a usar diretamente a energia do sol que não vai se esgotar e não é poluente e um grande esforço está sendo feito no mundo todo para que isto aconteça. Um dos melhores exemplos de como fazê-lo é produzir álcool (etanol) a partir da cana de açúcar que cresce graças à energia solar. O açúcar que constitui o caldo da cana pode ser fermentado produzindo álcool que é um excelente combustível que substitui com vantagens a gasolina. Hoje metade da gasolina que seria usada no Brasil foi substituída por álcool que é limpo e não poluente porque na realidade se originou do sol. Esta é uma grande solução onde o Brasil é pioneiro e mostra o caminho que precisamos seguir para enfrentar os problemas causados pelos combustíveis fósseis.

JOSÉ GOLDEMBERG, Universidade de São Paulo, Prêmio Planeta Azul, pela fundação Asahi Glass.



JOSÉ GOLDEMBERG



MARCOS CINTRA

No olho do furacão

A CRISE FINANCEIRA DE 2008 PODE SER EXPLICADA DE FORMA BASTANTE SIMPLES. ELA DECORRE DO DESCASAMENTO ENTRE O VALOR DOS TÍTULOS FINANCEIROS EM CIRCULAÇÃO E O VALOR DO LASTRO GARANTIDOR, COMO BENS IMOBILIÁRIOS E OUTROS ATIVOS.

Durante anos, o estoque de crédito cresceu a taxas elevadas, e o lastro desse espantoso crescimento financeiro aumentou concomitantemente, impulsionado principalmente pelo mercado imobiliário americano.

Mas a bolha nos preços dos ativos imobiliários estourou quando os mutuários começaram a tornarem-se inadimplentes. Os financiamentos cresceram mais que a renda dos mutuários, e o valor de mercado das garantias caiu. Os títulos lastreados por esses imóveis tornaram-se ativos podres. Como já vendidos e refinanciados pelos "hedge funds" em todo o mundo, sem limites e com precária regulamentação, as perdas alastraram-se rapidamente. Para ter uma idéia, o BIS (Banco para Compensações Internacionais) registra, em dezembro de 2007, o absurdo volume de US\$ 596 trilhões em contratos de derivativos, duas vezes o montante verificado no mesmo mês de 2005.

Foi uma crise previsível, na medida em que o processo de descasamento ocorreu ao longo dos últimos dois anos, e não foram poucos os alertas emitidos por alguns especialistas. Mas eles foram ignorados pelas autoridades financeiras norte-americanas, entusiasmadas com a prosperidade do período.

Teoricamente, há duas soluções: 1) sustentar os preços das garantias, principalmente dos ativos imobiliários, para tornar possível o início de um penoso, porém ordenado, processo de desalavancagem financeira, ou 2) deixar os títulos perderem valor até que o equilíbrio entre crédito e garantias seja restabelecido.

A primeira alternativa já foi perdida pelas autoridades norte-americanas, pois pouco foi feito para sustentar os

mutuários inadimplentes e preservar o valor de mercado dos imóveis. Isso poderia ter sido feito através de um amplo programa público de refinanciamento de hipotecas.

A segunda alternativa está em curso: deixar os ativos perderem valor, gerando perdas nos balanços do setor financeiro. Isso, contudo, contamina o mercado real por causa da perda de confiança no setor financeiro, da conseqüente queda de liquidez e da severa restrição de crédito à produção e ao comércio. As engrenagens da economia param de girar por falta de lubrificação.

Líderes das principais economias tentam encontrar soluções para o pânico que se instalou na economia mundial. Nos Estados Unidos o governo pretende socorrer o mercado com recursos da ordem de 700 bilhões de dólares e os países europeus decidiram criar um plano de ajuda que pode chegar a 300 bilhões de euros. Uma coisa é certa: não haverá recursos públicos capazes de absorver os agnizantes títulos podres, nem mesmo se todos os governos dos países ricos se juntarem.

A crise agora é de confiança, e a única alternativa é a compra de participação acionária do setor bancário pelos tesouros dos países envolvidos. Em face da gravidade do pânico, apenas os governos são capazes de garantir liquidez e solvência. Nenhuma outra instituição é capaz de reverter a maré de desconfiança e sustar uma iminente corrida bancária mundial.

MARCOS CINTRA, doutor em Economia pela Universidade Havard (EUA), Secretário Municipal do Trabalho de São Paulo.

Nós, do Banco Real, acreditamos que, quando nos realizamos, melhoramos a vida de todo mundo que vive com a gente.

Elaine queria trabalhar com algo que proporcionasse a ela contato com as pessoas e acabou mudando de profissão depois de formada. Após conseguir o emprego de gerente de relacionamento, sua vida mudou. Hoje ela valoriza a sua independência financeira e é uma mulher realizada. Seu cartão de crédito internacional do Banco Real faz parte dessa realização. www.bancoreal.com.br

Reinvente. Vem com a gente.

Elaine de Abreu e sua mãe. Elaine usa o cartão de crédito internacional do Banco Real para facilitar o seu dia-a-dia



O que você quer para a sua vida?

REALIZE



O banco da sua vida



BANCO REAL



Responsabilidade com energia

LETRAS DE LUZ BENEFICIA 60 CIDADES BRASILEIRAS

A Bandeirante Energia S.A. que tem por objetivo a prestação de serviços públicos de energia elétrica para 28 municípios do Estado de São Paulo, especificamente nas regiões do Alto do Tietê e Vale do Paraíba, além de cidades dos estados do Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Tocantins sempre esteve atenta às necessidades das comunidades carentes à sua volta. Neste sentido, há tempos desenvolve diferentes ações que tiveram início com a entrega de kits escolares (que mantém até hoje) até a prevenção e cuidado com a saúde dos alunos, com exames oftalmológicos e auditivos, substituídos atualmente pela campanha de higiene bucal. A satisfação em dar os primeiros passos no que considera responsabilidade social, fez com que a companhia buscasse participar de modo mais efetivo. Para tanto, foi criado o Instituto EDP Energias do Brasil, instituição sem fins lucrativos, responsável pelo desenvolvimento e coordenação das ações ambientais e sócio-culturais.

O Letras de Luz, o mais ambicioso projeto educacional do grupo foi lançado no final de 2006 e tem como meta ampliar os investimentos da empresa em responsabilidade social.

Em parceria com Fundação Victor Civita, o Letras de Luz visa estimular o hábito da leitura entre crianças e adolescentes e atingiu mais de 21 mil pessoas no primeiro semestre deste ano, saldo 10% superior ao registrado no mesmo período de 2007. O resultado bem-sucedido do projeto, que tem investimento anual de R\$ 1,6 milhão, foi obtido por meio das 61 oficinas de

leitura e das 116 apresentações teatrais, além das doações de livros, promovidas ao longo desses seis últimos meses, nas 60 cidades brasileiras distribuídas nos quatro estados onde a companhia atua.

“Contribuíram também para esse número os 2.315 agentes culturais capacitados pelo projeto para atuarem como multiplicadores das oficinas de leitura com a comunidade das suas respectivas cidades”, informa Paulo Ramicelli, gerente do Instituto EPD, sempre presente nas ações realizadas pela companhia.

Conheça todos os projetos em andamento do Instituto EDP Energias do Brasil no site: http://www.energiasdobrasil.com.br/energia/sustentabilidade/projetos_sociais/bandeirante/publico_externo/atuais/publico_externo.asp



A família Colombo
não pára de crescer.



A Colombo foi a primeira empresa brasileira a formalizar o sistema de cotas para afrodescendentes, oferecendo inúmeras vagas em seu quadro de funcionários. Hoje, a presença dos afrodescendentes na empresa é de 30%, mais do que o exigido pela lei. E nos orgulhamos de trabalhar para esse número continuar crescendo.


Colombo
a estilo que conquista

Abolição do pré-conceito na saúde

O SUS (SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE), CRIADO HÁ 20 ANOS, TEM COMO PRECEITOS BÁSICOS A UNIVERSALIDADE, EQUIDADE E INTEGRALIDADE NO ATENDIMENTO À SAÚDE.

Isso significa que todo cidadão tem direito ao acesso gratuito a consultas, exames, cirurgias, internações, vacinas e medicamentos, independentemente de classe social, idade, raça, cor ou credo. No entanto, assim como infelizmente ainda é comum nas empresas, nas famílias e, de maneira geral, na sociedade, também na área da saúde há situações envolvendo preconceito – ou pré-conceito – contra os negros, seja de forma direta ou indireta, consciente ou não. Trata-se de uma questão cultural e histórica. Até bem pouco tempo atrás, não havia no País qualquer sensibilização da administração pública que contemplasse a diversidade racial e étnica nas políticas de saúde para viabilizar a necessária igualdade no atendimento de brancos, pardos ou negros.

Com menor grau de escolaridade, baixos salários e condições de vida normalmente precárias, por conta da exclusão social, a população negra está mais exposta a problemas de saúde como tuberculose, hipertensão, diabetes e alcoolismo, por exemplo. Sem contar, ainda, a maior mortalidade de negros por homicídios e por doenças metabólicas, endócrinas, mentais e do aparelho circulatório.

Para fazer frente a essa problemática, São Paulo coloca-se mais uma vez na vanguarda. Foi o primeiro Estado do País a criar uma área exclusivamente voltada à saúde da população negra, com o objetivo de desenvolver e disseminar políticas que contemplem a maior vulnerabilidade dos negros a determinadas doenças, seja por conta da desigualdade social ou por problemas inerentes à raça. Os negros têm, por exemplo, maior pré-disposição para o de-

envolvimento de doenças como pressão alta, anemia falciforme e, no caso de mulheres, de miomas uterinos.

O Comitê Estadual de Saúde da População Negra de São Paulo, que existe desde 2005, é responsável por definir estratégias e ações de sensibilização dos gestores do SUS na adoção de políticas que eliminem o preconceito e incluam a questão da diversidade racial nas políticas de saúde. Além da criação de comitês regionais, a atuação do comitê vem contribuindo para disseminar entre os profissionais de saúde as boas práticas de superação da intolerância e do racismo.

Exemplo cabal e recente deste esforço é o curso criado pela Secretaria de Estado da Saúde em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, em outubro deste ano, para capacitar profissionais de saúde no conhecimento das raízes e costumes dos afro-brasileiros como forma de compreender a realidade social e de saúde vivida por esta população em São Paulo. A iniciativa tem como objetivo criar multiplicadores da informação nos serviços de saúde de todo Estado.

No momento em que o Brasil celebra os 120 anos da abolição oficial da escravidão, São Paulo reafirma seu compromisso de ampliar as políticas públicas para garantir a inclusão social do negro no SUS, abolindo o preconceito e permitindo a melhoria das condições de saúde e qualidade de vida de todos os afro-descendentes paulistas.

LUIZ ROBERTO BARRADAS BARATA médico sanitarista, Secretário de Estado da Saúde de São Paulo.





Beleza negra: cuidados especiais

A pele negra tem mais vantagens em relação a pele branca, tanto no que se refere à resistência ao sol e aos efeitos do envelhecimento. “Entretanto, as desvantagens também existem e devem ser conhecidas até para maior controle e prevenção”, recomenda o Dr. César Isaac, cirurgião plástico, formado pela faculdade de Medicina da USP, há 22 anos.

A pele negra apresenta menos incidência de câncer (a branca tem 15 vezes mais) e menor grau de envelhecimento. Essa diferença não se resume somente à pigmentação, tampouco independe de idade. Observa-se que a pele negra tem maior firmeza, é mais lisa e resistente aos fatores irritantes em geral, ou seja, “é mais lisa porque envelhece menos devido à proteção da melanina (pigmento que dá coloração à pele). É mais resistente porque a camada córnea é mais espessa e, devido a isso, está mais sujeita a apresentar acnes e foliculites (inflamação do ducto do pêlo)”, acrescenta Isaac.

Se por um lado a quantidade de melanina protege do sol, por outro lado significa maior incidência de manchas, isso porque a melanina tende a escurecer em regiões da pele que venham a sofrer qualquer agressão, como o atrito, por exemplo. Assim sendo, acne, queimaduras, procedimentos estéticos ou cirúrgicos (depilação ou peeling) em qualquer parte do corpo provocam as famosas manchas. Inespecíficas e de tamanhos variados, elas se apresentam mais fortes em áreas expostas e nas dobras de pele (região mais fina).



RECOMENDAÇÕES

Nessa época do ano, recomenda-se que a pele seja devidamente limpa (duas vezes ao dia), hidratada e protegida do sol (fator de proteção à base de gel - FPS 15 ou mais). Importante: não usar produtos oleosos e não comedogênicos (que não fecham os poros, evitando a formação de cravos). À noite, produtos hidratantes também com base em gel.

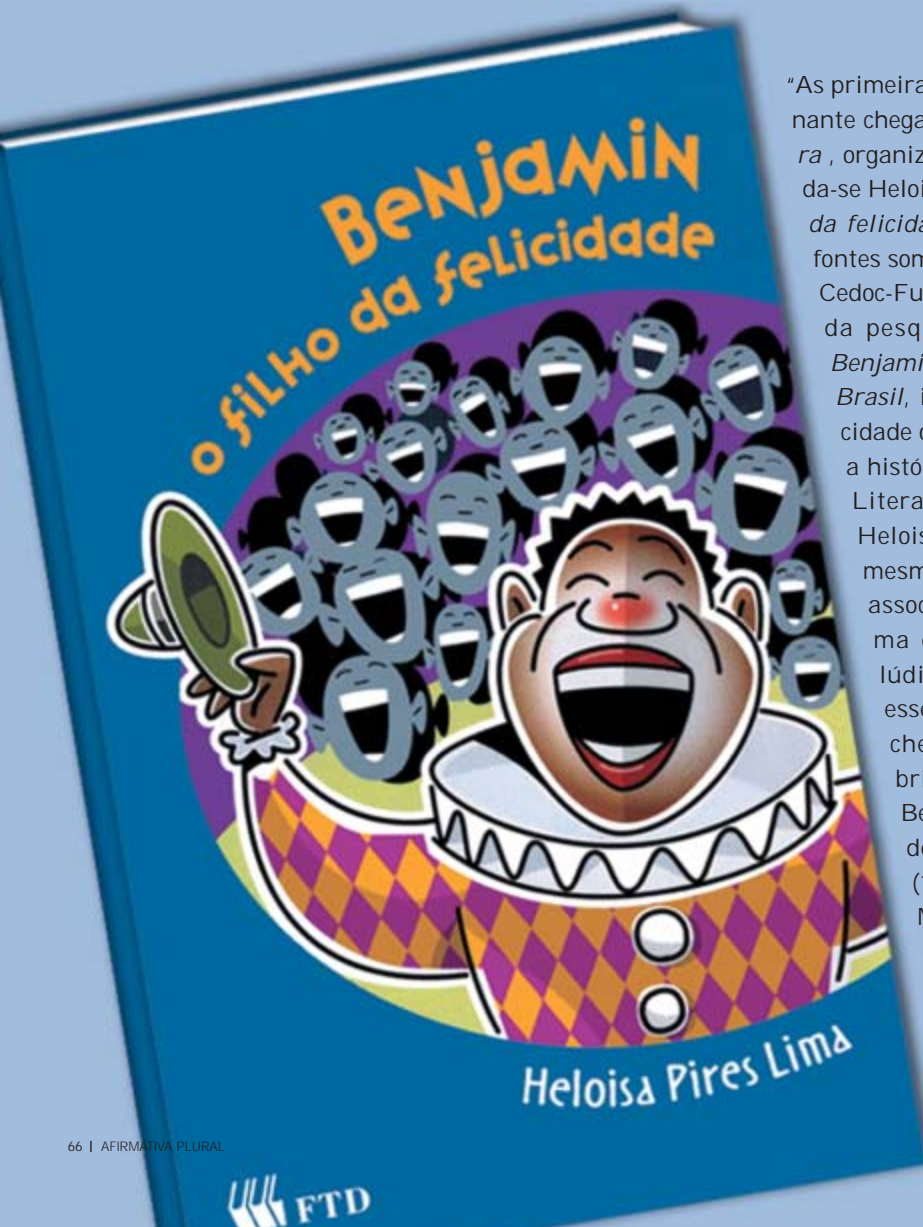
E, “no caso específico das manchas, o tratamento deverá ser feito com substâncias despigmentantes, como hidroquinona, ácido kojico, ácido fítico e ácido azelaico, entre outros. Mas, sempre com muita cautela e nas mãos de um profissional capacitado”, evidencia Isaac.

QUEM TEM PELE NEGRA EVITE:

- Substâncias gordurosas,
- Ácidos com concentrações elevadas,
- Produtos à base de álcool,
- Peelings físicos e alguns químicos,
- Uso de laser,
- Qualquer tipo de procedimento traumático, levando em conta o seu tipo de cicatrização.

O rei dos palhaços

RETOMAR OS AMBIENTES DOS CIRCOS DE FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX PARA APRESENTAR BENJAMIN DE OLIVEIRA, NEGRO, ACLAMADO COMO O REI DOS PALHAÇOS E O NOME MAIS IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DO CIRCO-TEATRO NO PAÍS. ESTE FOI O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA ESCRITORA HELOISA PIRES LIMA, UM RESGATE HISTÓRICO VALIOSO EM INFORMAÇÕES.



“As primeiras notícias desse personagem real tão fascinante chegaram por meio da obra *A mão afro-brasileira*, organizada em 1988, por Emanuel Araújo”, recorda-se Heloisa Pires Lima, autora de *Benjamin, o filho da felicidade* (FTD, 2007). De lá até aqui, muitas fontes somaram as informações, algumas partindo do Cedoc-Funarte do Rio de Janeiro. No entanto a obra da pesquisadora Ermínia Silva, *Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*, investiga a vida familiar de Benjamim na cidade onde ele nasceu e cruzou sua biografia com a história do circo-teatro no País.

Literalmente falando pode-se dizer que tanto Heloisa quanto Ermínia se “apaixonaram” pelo mesmo Benjamin. “Eu e Ermínia estamos nos associando para reunir e apresentar em forma de exposição, inclusive com atividades lúdico-didáticas, o conhecimento sobre todo esse ambiente a reviver Benjamim. E, agora chega aos leitores da Afirmativa Plural”, brinda Heloisa.

Benjamin tem muito a ensinar sobre a arte de viver. Lidou com o tempo onde nasceu (1870), pais escravizados, numa fazenda em Minas Gerais. Com 9 anos foge com um circo que passa por ali e vai aprendendo técnicas da arte do picadeiro. E assim foi se apresentando como palhaço-cartaz, acrobata, palhaço de picadeiro até um sofisti-

// ME DEPAREI COM TEXTOS ALÉM DE ENGRAÇADOS, CRÍTICOS. ELE FALAVA DE DIFERENÇAS SOCIAIS E DO RACISMO POR VOLTA DA DÉCADA DE 1910 //

cado clown. Benjamin começa a escrever textos para a modalidade de espetáculo que inventou: o teatro picadeiro. Foi ator, diretor de circo-teatro e empresário nessa área. Suas peças fizeram tanto sucesso que foi aclamado como o rei dos palhaços pelos jornais da época.

Críticos como Arthur de Azevedo escreveram crônicas entusiastas sobre ele e até, o presidente da República, contam, veio cumprimentá-lo nos bastidores. Suas peças se sofisticaram com óperas que ele levou para os pavilhões. Com figurino confeccionado em Paris e maquinário com tecnologia de ponta para os cenários, Benjamin protagonizava a estrela de muitas companhias, seja com pantomimas, seja como palhaço cantor das primeiras gravadoras da indústria fonográfica no País. Uma de suas peças também está relacionada aos primórdios do cinema brasileiro, pois foi escolhida para ser um dos filmes gravados pelas inéditas câmaras que desembarcaram no Rio de Janeiro. Já idoso, inspira ainda uma Lei aprovada no Congresso pelo, então deputado, Jorge Amado que lhe confere a primeira aposentadoria aos artistas de um setor que não tinham como provar tempo de trabalho. De salto em salto, após sua morte vira nome de rua em São Paulo e de praça no Rio de Janeiro. Em 2009 será o enredo para o carnaval da São Clemente. “Essa agilidade de Benjamin, ou seja, ser rápido no troco tem muito a ensinar para todos nós. Especificamente para a questão da cor de sua pele, ele mesmo relatou em suas memórias, que numa das andanças de um circo para outro, certa vez ao pedir água e alimento numa casa, a família resolveu prendê-lo, pois achava ser ele um escravo fugido de alguma fazenda vizinha. Imagine um gurizinho negro tendo que provar sua condição de liberto? E ele nasceu livre, possivelmen-

te, fruto de negociação de seus pais com o dono da fazenda. Então, o que faz Benjamin? Prova com o próprio corpo em acrobacias ser profissional de circo. A família gostou tanto que lhe deu guarida até ele seguir seu caminho. Nas peças, é incrível como ele conquistou a liberdade de ser índio, mulher, branco, pobre, rico”, narra Heloisa. “E o contato que tive com as peças que ele escreveu, me deparei com textos além de engraçados, críticos. Ele falava de diferenças sociais e do racismo por volta da década de 1910”, acrescenta a escritora. Sem contar o espírito empreendedor que lhe era nato.

Segundo Heloisa, o repertório envolvendo a população negra necessita ser ampliado dentro do universo da literatura oferecida para o leitor juvenil. “E há uma infinidade de modelos na realidade para inspiração. Na biblioteca de minha infância nunca esteve um livro que falasse desse palhaço e suas conquistas. Espero que Benjamin circule no imaginário dessas novas gerações. Como também o texto que assino auxilie nessa descoberta”, discorre.

A obra Benjamin, o filho da felicidade acabou de ser selecionada para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE 2009) e, portanto, estará em muitas bibliotecas públicas Brasil a fora.

SOBRE A AUTORA

Heloisa Pires Lima fez mestrado e doutorado em Antropologia Social na USP e conheceu o dia-a-dia da vida circense como parte de um projeto da Secretaria de Estado da Criança, em São Paulo. Durante essa experiência descobriu a trajetória espetacular de Benjamin de Oliveira, que, apesar de sua importância, nunca ninguém ouviu falar.

Na Academia tanto a dissertação de mestrado: A presença negra na Academia Imperial de Belas Artes: a década de 1880 do século XIX, quanto a tese de doutorado: Negros debretianos: representações culturais na obra Voyage pittoresque et historique au Brésil (1816 a 1839) são estudos voltados para a população negra no século XIX, sobretudo por meio da leitura de certas representações. Na literatura infanto-juvenil: Histórias da Preta (Cia das Letrinhas, 1998), A semente que veio da África (Salamandra, 2006), coleção O pescador de histórias: na África (Peirópolis, 2003).

O menino que rouba a cena de Linha de Passe

O clássico termo roubar e a cena voltou com muita força neste ano pois usado nas resenhas de filmes para definir a soberba interpretação de Heath Ledger como o Coringa do mais recente exemplar da série Batman, reiniciada por Tim Burton em 1989: O Cavaleiro das Trevas (The Dark Knight), de Christopher Nolan. Nada mais justo e correto: Ledger literalmente rouba a cena, ou seja, sobrepõe-se ao conjunto de um filme muito bom e ingressa na galeria dos instantes de cinema que se candidatam à também clássica definição de inesquecíveis.

O ano, embora sem a ênfase nas resenhas das distintas mídias, contabiliza outra notável roubada de cena: a de Kaique de Jesus Santos, estreante de 14 anos no papel de Reginaldo, o adolescente que sonha dirigir ônibus na grande cidade. É o mais consistente personagem entre os cinco da família – a mãe e os quatro filhos – que respira e transpira a periferia de São Paulo em Linha de Passe, de Walter Salles e Daniela Thomas.

Um filme muito bom, sobretudo porque despojada crônica da batalha diária pela vida na cidade imensa. Certamente o fato de beber na fonte da realidade – o personagem é inspirado em Buiú, garoto que freqüentou o noticiário policial no início da década, século e milênio e foi interno

da então Febem após preso dirigindo ônibus nas ruas da cidade – contribui para essa consistência. Aliás, toda a dimensão humana de Buiú foi captada por Patrícia Cornils no belo curta-metragem O Menino e o Bumba, coincidentemente realizado na mesma época das filmagens de Linha de Passe – segundo semestre de 2007 – com a peculiaridade de que as produções não têm nenhum vínculo e, revela Patrícia, nem sabiam que trabalhavam paralelamente.

Mas, inegavelmente Kaique de Jesus Santos dá ao personagem beleza e grandeza somente possíveis quando brotam de talentos capazes de roubar a cena, na maioria das vezes com o olhar, o que lhes permite reservar permanência naquela galeria extraordinária de instantes sublimes de cinema – como o olhar tenebroso de Heath Ledger como o Coringa deste ano, ou, lá no passado, entre muitos, o olhar terno e incrédulo de Marlene Dietrich como a cigana Tanya de A Marca da Maldade (Touch of Evil), 1958, de Orson Welles; ou o olhar moribundo de Grande Otelo como o Passarinho de Amei um Bicheiro, 1953, de Jorge Ileri e Paulo Wanderlei, ou o irônico e ambicioso olhar de Barbara Bates na última seqüência de A Malvada (All About Eve), 1950, de Joseph L. Mankiewicz.



FOTO: [HTTP://WWW.PARAMOUNTPICTURES.COM.BR/LINHAEPASSE/](http://www.paramountpictures.com.br/linhaepass/)

MOURA REIS, jornalista.



Agenda Cultural

POR: RODRIGO MASSI

O MELHOR DA PROGRAMAÇÃO EM ARTES E CULTURA DE SÃO PAULO

ARTES VISUAIS

"JAPÃO - MUNDOS FLUTUANTES"

Em comemoração ao centenário da imigração japonesa, o Instituto Moreira Salles e o SESI apresentam a exposição "Japão – Mundos Flutuantes", estruturada em três módulos. O primeiro revela um rico panorama da gravura ukiyo-e, tradicional no período Edo. Na segunda parte da mostra há trabalhos da artista plástica e professora Madalena Hashimoto. O terceiro módulo contempla a história e o trabalho fotográfico do imigrante japonês Haruo Ohara.

ONDE: Galeria de Arte do SESI. Avenida Paulista, 1313. **QUANDO:** De 25 de novembro até 1º de março de 2009. Segunda-feira, das 11h às 20h, de terça a sábado, das 10h às 20h, e domingo, das 10h às 19h. **ENTRADA GRATUITA. INFORMAÇÕES:** 3146-7405

"A BAHIA DE JORGE AMADO"

Por meio de trabalhos de fotógrafos consagrados como Marc Ferrez, Benjamin R. Mullock, Marcel Gautherot e Edu Simões, entre outros, a mostra revela a paisagem natural e urbana da Bahia e também o universo da obra do escritor baiano.

ONDE: Galeria do Instituto Moreira Salles. Rua Piauí, 844 – 1º andar. **QUANDO:** Até 18 de janeiro de 2009. De terça a sexta, das 13h às 19h. Sábados e domingos, das 13h às 18h. **ENTRADA GRATUITA. INFORMAÇÕES:** 3825-2560



SEVERINO RAMOS FERREIRA FILHO

Negro é lucrativo nicho de mercado

DE ACORDO COM TRABALHO CIENTÍFICO INTITULADO “O CONSUMIDOR NEGRO BRASILEIRO”, REALIZADO POR SEVERINO RAMOS FERREIRA FILHO, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, A POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA TEM SIDO VISTA, NOS ÚLTIMOS TEMPOS, COMO UM LUCRATIVO NICHO DE MERCADO.

Severino diz que resolveu desenvolver a pesquisa sobre o consumidor negro brasileiro para entender por que uma população tão expressiva ainda tem seus desejos e suas necessidades tão pouco pensados. “Já há algum tempo vinha percebendo que o perfil da população negra vinha sofrendo alterações na postura enquanto consumidor. Percebia também que apesar de o mercado ainda não dar a devida atenção a esse segmento, o consumidor negro tem necessidades específicas que por vezes ficam sem solução aparente”, analisa.

O pesquisador observou que apesar de tanta discussão sobre o negro na sociedade e as políticas de ações afirmativas, a imagem (do negro) ainda é estereotipada. “Nas revistas a imagem é estereotipada. Segmentação é algo sério e poucas empresas têm a sensibilidade de perceber como se deve falar com esse público”, pondera. Ele aponta ainda que as empresas de cosméticos são as que mais lucram com o público afrodescendente. “A Natura desenvolve produtos para os afrodescendentes de maneira carinhosa. Ela faz pesquisas e fala sem estereotipar. Outras empresas não têm esse cuidado”, diz ele.

Ainda de acordo com a pesquisa, outro nicho que pensa nesse consumidor e utiliza sua imagem são as empresas de telefonia. “Elas passam a impressão de produto dinâmico, moderno. Todas as minorias quando vêem o negro

se identificam muito mais com o produto. Atingem um público muito maior”, considera.

Profissional comprometido, defende segmentação para descobrir novos canais de comunicação. “Nos Estados Unidos, a Nike desenvolveu um produto específico para os índios, levando em consideração suas especificidades. Eles possuem dedos mais largos que o normal para os padrões. Foi lançada uma campanha e a empresa teve sua imagem melhorada por fazer algo para uma minoria da população”, conta.

O PESQUISADOR

Severino Ramos Ferreira Filho foi contratado pela Metodista, em 2002, para trabalhar na Oficina de Criação de Material Promocional e não tinha formação acadêmica. Enquanto funcionário tinha direito a duas bolsas de estudos para cursar dentro da instituição o curso que mais lhe agradasse. Escolheu o curso de Comunicação Mercadológica. Forma-se em 2007, aos 43 anos.

Trabalha na área desde os 16 anos. Teve sua própria oficina onde desenvolvia seu trabalho na área de criação de peças promocionais. Seus primeiros trabalhos foram voltados para a criação de material promocional para campanhas políticas. Teve como clientes grandes empresas como Bradesco e Mercedes.

Volt, o carro elétrico

MODELO ELÉTRICO REPRESENTA A INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA DE MAIOR EXPRESSÃO DOS
ÚLTIMOS TEMPOS

POR: FRANCISCA RODRIGUES, EDITORA EXECUTIVA

A tão esperada versão do Chevrolet Volt – um veículo que faz até 64 quilômetros sem usar uma gota de gasolina – e sem a emissão de gases –, com uma capacidade de autonomia de centenas de quilômetros a mais foi uma das principais atrações do estande da marca Chevrolet no 25º Salão Internacional do Automóvel 2008, que aconteceu no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo.



No interior, o Volt oferece recursos de espaço, conforto, conveniência e segurança que os consumidores esperam em um sedã de quatro lugares. O Volt utiliza a eletricidade para mover as rodas em todo o tempo e velocidade. Para viagens de até 64 quilômetros, o Volt é movido apenas pela eletricidade armazenada na bateria de lítio-íon de 16-kWh. Quando a energia da bateria se esgota, um gerador de motor movido a gasolina/E85 fornece eletricidade continuamente para alimentar a unidade de tração elétrica do Volt enquanto, simultaneamente, prolonga a carga da bateria.

Esse modo de operação amplia a autonomia do Volt por centenas de quilômetros, até que a bateria do veículo possa ser carregada. O Chevrolet Volt pode ser conectado tanto em uma tomada doméstica de 120 V padrão ou utilizar

240 V para o carregamento. A tecnologia de carregamento inteligente do veículo permite que a bateria do Volt seja carregada em menos de três horas com uma tomada de 240 V ou em torno de oito horas com uma tomada de 120 V. Os tempos de carregamento serão reduzidos se a bateria não tiver sido totalmente descarregada. Carregar o Volt uma vez por dia consumirá menos energia elétrica por ano do que as geladeiras e refrigeradores domésticos.

A GM calcula que o Volt custará cerca de dois centavos de dólar por quilômetro e meio movido com a potência da bateria, em comparação com 12 centavos por quilômetro e meio utilizando gasolina, com um preço de US\$ 3,60 por galão. Para um condutor comum que dirige 64 quilômetros por dia (ou 24.000 quilômetros por ano), estas quantidades levam a uma economia de US\$ 1.500 por ano.



Geórgia, sempre em nossa mente

Por: Daniela Gomes, de Atlanta

Uma das maiores cidades do sul dos Estados Unidos, Atlanta, no estado da Georgia é hoje, uma ótima opção para quem deseja visitar o país e fugir dos roteiros mais conhecidos como a Califórnia ou Nova Iorque. Berço dos direitos civis na década de 60, a Georgia ficou imortalizada nos versos de Ray Charles, que dizia que, apenas uma canção velha e doce mantinha a Georgia em sua mente. *"Just an old sweet song Keeps Georgia on my mind..."*. Referência ao se tratar do tema negro e direitos civis, Atlanta abriga hoje o Memorial Martin Luther King, que mantém viva a memória do mártir que perdeu a vida na luta pela igualdade racial. Localizado na Auburn Avenue, região que abrigou o primeiro grupo de empresários negros antes do fim da segregação, o The King Center é um lugar cercado de emoção e história. Além da vizinhança que preserva as casas da época, entre elas a que nasceu Luther King, o Memorial

abriga também a Igreja Batista Ebenezer, que foi liderada por Luther King e sua família durante anos, e os túmulos de Martin Luther King e Coretta King (gratuito). Outro grande memorial da luta pelos direitos civis é a forte presença das Universidades historicamente negras. Com mais de um século de tradição, uma visita as universidades Clark Atlanta, Morehouse College e Spelman College, não podem ficar de fora do roteiro, de quem deseja saber mais sobre a militância no país. (gratuito). Uma das paradas obrigatórias para todos aqueles que visitam Atlanta é a The World of



Coca-Cola. A sede da empresa abriga o museu da Coca Cola, que transmite a história desse que é um dos produtos mais consumidos ao redor do mundo. Durante a visita é possível conhecer a história da marca através de propagandas que circularam em todo o mundo, acompanhar uma parte da produção do refrigerante e inclusive, degustar uma amostra de bebida de cada país onde a Coca Cola atua. (U\$ 15 adulto)

O Georgia Aquarium é uma ótima opção para quem deseja conhecer a diversidade marinha. De baleias brancas, a peixes da Amazonia, o Aquarium é o pedido certo para os pais que desejam entreter as crianças (U\$ 29.50 adulto). Outra ótima opção para a família é uma visita ao Six Flags, parque de diversões que possui dentre as principais atrações um grande número de variadas montanhas russas temáticas, entre elas as que homenageiam super heróis como o Batman e Superman (U\$ 29,99).

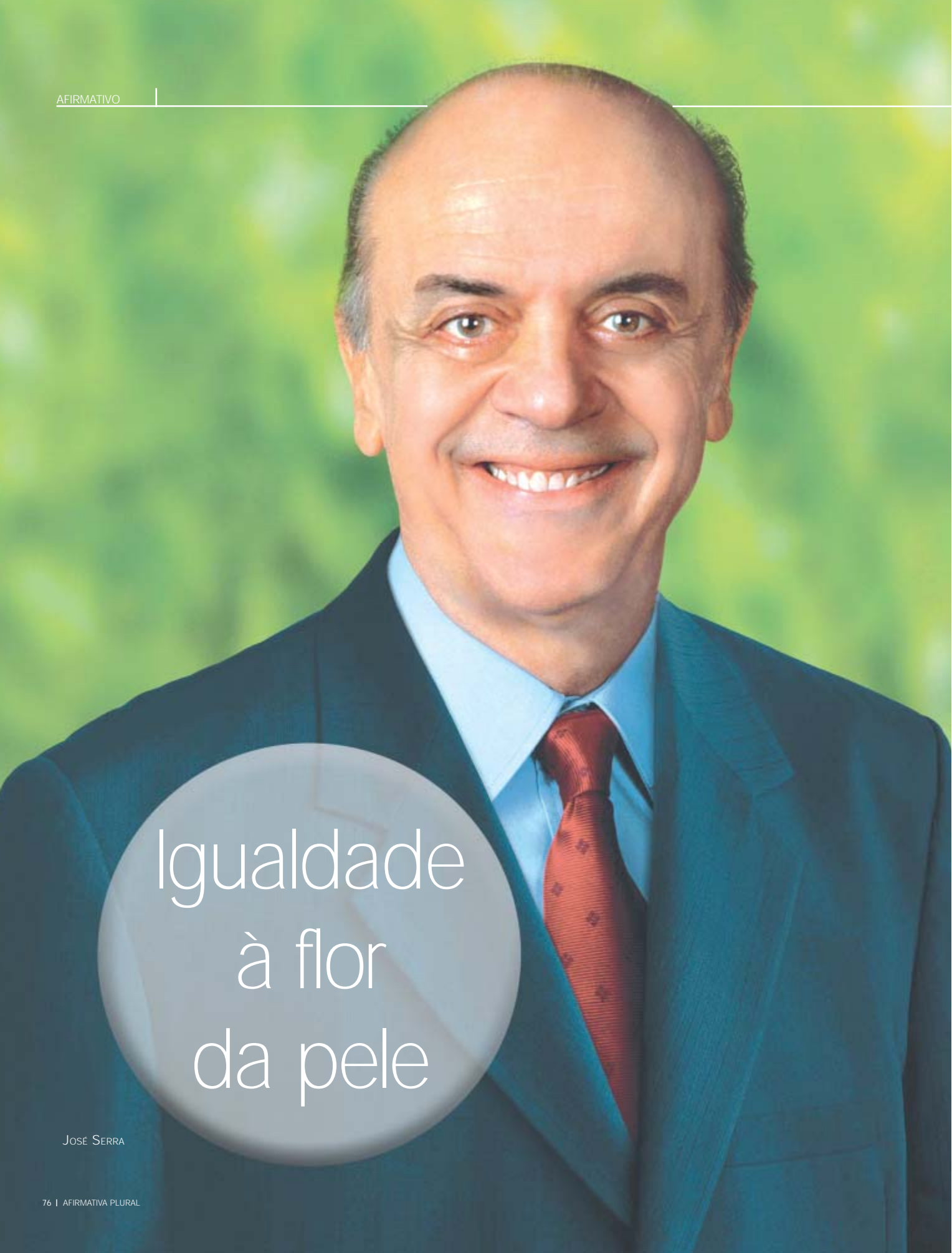
Cenário das Olimpíadas 96, Atlanta manteve vivo o espírito olímpico através da criação do Parque Olímpico. Estrategicamente situado no coração da cidade, o parque abriga a tocha, o símbolo olímpico e atrai visitantes que admirados acompanham o balé das águas, coreografia que dispara jatos de água ao som de música eletrônica (entrada gratuita).

A vida noturna de Atlanta abriga hoje uma diversidade imensa de clubes, restaurantes e

atrações. Com ritmos que vão do hip hop a salsa, passando inclusive pelo nosso samba, os clubes de Atlanta estão sempre lotados de pessoas de todas as idades a procura de diversão. Essas são algumas das razões para em sua próxima visita internacional, manter a Geórgia em sua mente.



THE MOREHOUSE COLLEGE

A portrait of José Serra, a middle-aged man with a receding hairline, smiling. He is wearing a dark blue suit, a light blue shirt, and a red tie with a small pattern. The background is a blurred green, suggesting foliage. A semi-transparent grey circle is overlaid on the lower left of the image, containing the title text.

Igualdade à flor da pele

JOSÉ SERRA

“A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... É ela o suspiro indefinível que exalam ao luar as nossas noites do norte.”

-JOAQUIM NABUCO

Coube a Caetano Veloso atualizar o epíteto com que Ezra Pound brindou os poetas – são as “antenas da raça” – quando, no CD “Noites do Norte”, emprestou sua melodia a esse trecho do livro “Minha Formação”, do grande Pernambuco Joaquim Nabuco. O compositor, ele mesmo uma das antenas da raça brasileira, notou o que havia de revelador e terrível no parágrafo de Nabuco. Um trecho retirado de seu contexto para, depois de relido, ser devolvido a seu nicho original com sentido tão desvelado como revelado.

Vale a pena atentar para a atmosfera a um só tempo soturna e álcere que Nabuco emprestou à escravidão em “nossas vastas solidões”. Há ali uma atmosfera que não renega a sujeição e a violência, mas também se vê pintado o abrigo quase caloroso que nossa cultura imprimiu à escravidão. Gilberto Freyre, outro pernambuco que ajudou a entender o Brasil, soube caracterizar com cores muito vivas, inclusive as do sangue negro, logo nas primeiras páginas de “Casa Grande e Senzala”, a triste naturalidade com que a servidão foi se imiscuindo não apenas em nossa formação mas também em nosso caráter.

Falo das sementes que foram plantadas de uma forma particularmente perversa de discriminação, que é o racismo cordial. O étimo da palavra “cordial” é “coração” – o órgão ao qual os antigos atribuíam a morada dos sentimentos. O “racismo cordial” ousa ser doce em seu preconceito, finge tolerância em sua violência, afeta grandeza em sua mesquinharia discriminatória. E, ao fazê-lo, cassa do oprimido o direito à reação, impondo-lhe obsequioso silêncio. Esse mascaramento resultou em realidades curiosas. Quantos dos leitores sabem, por exemplo, que a infelizmente muito maltratada avenida Rebouças, em São Paulo, presta homenagem à memória de um negro, Antônio Pereira Rebouças Filho, engenheiro com especialização na Europa que, de volta ao Brasil, teve atuação fundamental no desenvolvimento das nossas ferrovias? Um seu irmão, André,

também engenheiro, batiza o conhecido túnel do Rio. Vejam que país curioso este: não nos negamos a reconhecer nossos negros, desde que lhes omitamos a cor da pele! O mesmo se fez com Teodoro Sampaio, homenageado em rua paralela à outra. Também negro, ele teve a cor escondida entre as suas muitas qualidades: engenheiro como os outros, geógrafo responsável pelo primeiro mapeamento geodésico do país, militante incansável em favor do saneamento básico e fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Negros ou descendentes eram Machado de Assis, promontório das letras pátrias; Gonçalves Dias, um formador de nossa literatura; Lima Barreto, crítico dos descaminhos da República; Cruz e Souza, poeta acima de seus pares; José do Patrocínio, jornalista ímpar e militante abolicionista; e, claro, Zumbi dos Palmares, em quem o anseio de liberdade atravessou os limites da dor. Exceção feita este último, exaltam-se as qualidades de brasileiros tão notáveis omitindo-se a sua condição: eram negros. Sopra a voz da má consciência: “Eram bons como qualquer branco!”

O País não precisa de cartilhas de linguagem, mas de políticas públicas conseqüentes. O princípio da igualdade entre os homens, presente em nossa Constituição, requer condições para ser realidade vivida. Negros ganham salários inferiores aos de brancos para exercer as mesmas funções, e o perfil racial da universidade está distante da sociedade, desproporção também existente no serviço público. A reparação racial, por mais que esteja garantida por leis passadas e venha a ser garantida por legislação futura, terá de ser, não obstante, construída.

Se é verdade – e é – que este país discrimina mesmo é o pobre, então forçoso é reconhecer que os negros são objeto de uma dupla discriminação.

Chegará o dia em que a omissão da cor da pele de uma personalidade não mais será uma maneira de a embranquecer. Até lá, precisamos, nós todos, brancos e negros, à moda dos Rebouças, ser engenheiros, mas de uma particular engenharia social, que deixe como obra construída a igualdade de fato.

Esperemos que, em futuro nem tão distante, do grande Nabuco ressoe e reste límpida apenas a grandeza de sua prosa, já livre da triste realidade que ela antevê e relata.

JOSÉ SERRA, Governador do Estado de São Paulo.

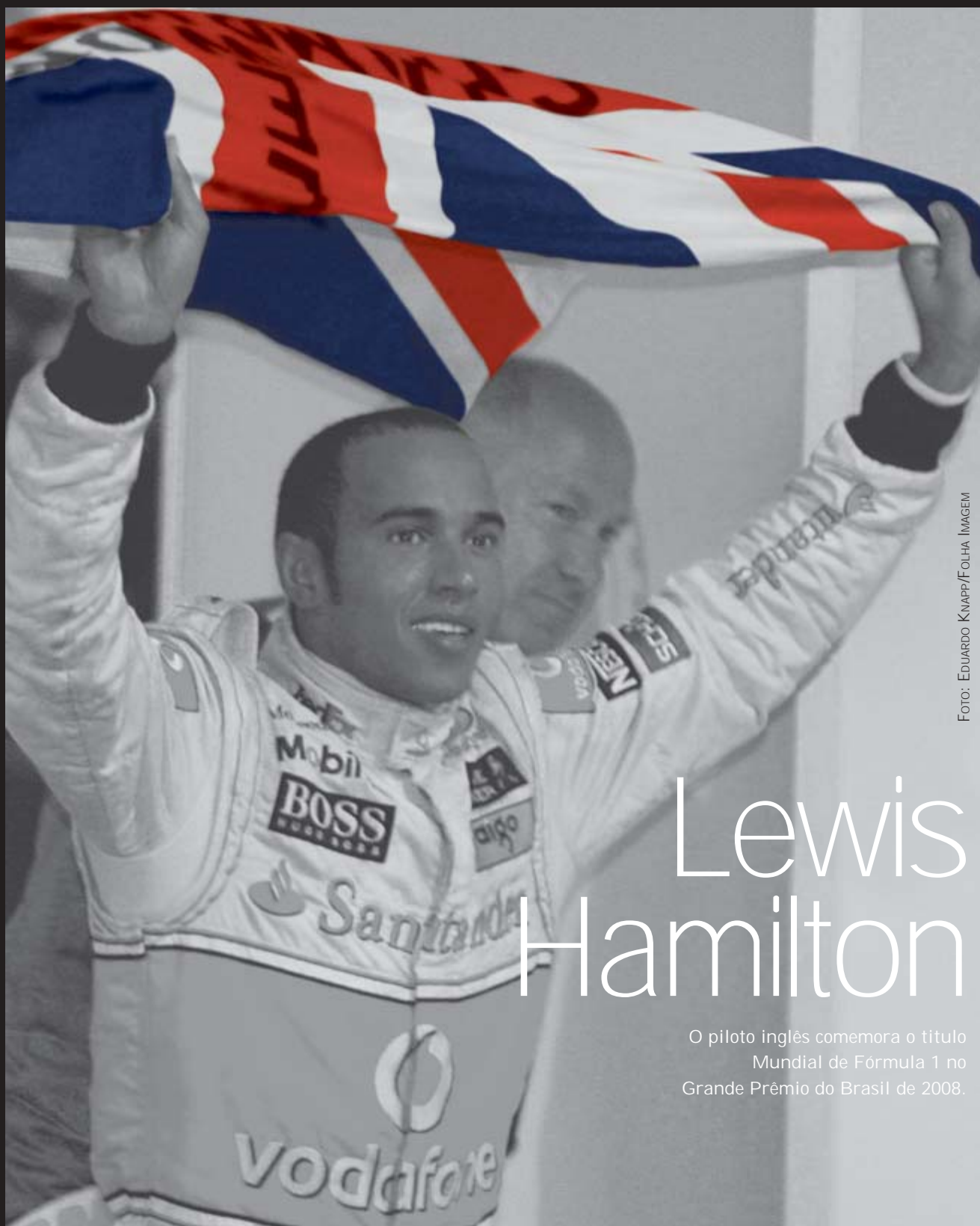


Foto: EDUARDO KNAPP/FOLHA IMAGEM

Lewis Hamilton

O piloto inglês comemora o título Mundial de Fórmula 1 no Grande Prêmio do Brasil de 2008.

As metas de todos pela educação.

1. Todos de 4 a 17 anos na escola.

2. Todos lendo e escrevendo até os 8 anos.

3. Todos aprendendo o que é certo para cada série.

4. Todos formados no ensino médio até 19 anos.

5. Todo investimento em educação bem cuidado e ampliado.

www.todospelaeducacao.org.br

Se todos se lembrarem destas 5 metas e se todos lutarem por elas, todos conseguirão melhorar a educação e todos vão ganhar com isso.



Com o nosso cartão, cada compra é uma
contribuição para um futuro melhor.

Peça já seu Cartão Instituto HSBC Solidariedade* e ajude
muitas instituições. porummundomaisfeliz.org.br



INSTITUTO **HSBC**
SOLIDARIEDADE

HSBC Bank Brasil S.A. - Banco Múltiplo *Sujeito a aprovação de crédito